

MLC | Minerais, Lugares e Causos

MLC

Minerais, Lugares e Causos



Marcondes Lima da Costa

(Uma obra não autorizada)

Suyanne Flávia Santos Rodrigues (Organização)

Belém, Pará, 2025



MLC

Minerais, Lugares e Causos

(Uma obra não autorizada)

Ao Prof. Dr. Marcondes Lima da Costa

Belém, Pará

2025

AUTORES DOS TEXTOS INDIVIDUAIS

Alan Felipe dos Santos Queiroz

Alessandro Sabá Leite

Alexandre Máximo Silva Loureiro

Cleida Maria Ferreira de Freitas

Érico Rodrigues Gomes

Flávia Olegário Palácios

Glayce Jholy Souza da Silva Valente

Herbert Pöllmann

Igor Alexandre Rocha Barreto

Leonardo Boiadeiro Ayres Negrão

Marcos A. Rodrigues Tavares da Silva

Marcus Melo Costa

Maria Ecilene Nunes da Silva Meneses

Milson Edmar da Silva Xavier

Priscila Valéria Tavares Gozzi

Rayara do Socorro Souza da Silva

Rômulo Simões Angélica

Roseane da Conceição Costa Norat

Sérgio Brazão e Silva

Suyanne Flávia Santos Rodrigues

Thais Alessandra Caminha Bastos Sanjad

Wirley Otávio Oliveira de Barros

Organização:

Suyanne Flávia Santos Rodrigues

Elaboração artística da capa:

Roseane da Conceição Costa Norat

Imagens: Acervo Marcondes Lima da Costa/ Museu de Geociências.

Ficha Catalográfica:

MLC: minerais, lugares e causos (uma obra não autorizada) / organização Suyanne Flávia Santos Rodrigues. – 1. ed. – Belém, Pará: Gráfica e Editora Democrata, 2025.

163 p.

ISBN 978-65-87761-45-9

1. Minerais. 2. Professor. 3. Geologia. 4. Descrição de viagens 5. Memórias I. Rodrigues, Suyanne Flávia Santos.

CDD: 549

Índices para catálogo sistemático:

1. Mineralogia 549
2. Geologia 551
3. 920.92 Professores-Biografias

CDD: 549 – Mineralogia, 551- Geologia, 920.92- Professores-Biografias

APRESENTAÇÃO

Esta pequena obra reúne textos verídicos, ou não, carinhosamente escritos e, dedicados ao Professor Marcondes Lima da Costa pelo transcurso de seus 70 anos de vida.

O Professor Marcondes é natural de Feijó-AC de onde partiu ainda criança para estudar. Ao longo de sua formação, viveu em Cuiabá-MT, Cruzeiro do Sul-AC, Rothenburg ob der Tauber (Alemanha), Erlangen (Alemanha), São Paulo-SP, e Belém-PA. Porém, são incontáveis os lugares por onde passou.

Na Universidade Federal do Pará, vem se dedicando há 41 anos à formação de geólogos; mestres, doutores e pós-doutores oriundos de diversas áreas do conhecimento, mas que tem em comum atuação em temáticas relacionadas à mineralogia e geoquímica. Lidera Grupo de Mineralogia e Geoquímica Aplicada, além valioso Museu de Geociências. Suas grandes contribuições foram ratificadas nacionalmente quando se tornou membro titular da Academia Brasileira de Ciências (2013), bem como quando foi outorgado com a Medalha de Ouro Claude-Henri Gorceix pela Sociedade Brasileira de Geologia (2009).

Entretanto, aqui, queremos render homenagem não somente ao Professor, Doutor de grandes feitos já reconhecidos, que podem facilmente ser apreciados através de uma simples consulta à Plataforma Lattes. Almejamos enaltecer um Homem firme, empolgado, criterioso, do mais extremo desvelo aos seus; pelo olhar daqueles que reconhecem nele um referencial para além do âmbito acadêmico-científico.

Nosso querido Professor é arrojado; recebe com alegria seus “ex-pupilos”; celebra as façanhas de todos; incita grandes reflexões; conta muitos “causos”, e ouvi em seu “divã”, muitos “causos” (nada científicos) também. De um olhar atento, ao reconhecer aflições discretamente guardadas, sempre oferece uma palavra de incentivo como: “dificuldades sempre existirão, não desista!”. Fala: “Capricho!”. Reuni várias pessoas ao redor de uma mesa para trabalhar, e com o mesmo empenho para confraternizar. Possui a incrível habilidade de cortar um bolo em infinitas fatias, afinal, “é melhor faltar do que sobrar”. Aprecia uma boa cachaça, até se aventura na sua produção, desde o plantio da cana-de-açúcar até a destilação final. Faz muitas previsões, acerta muitas delas. Incentiva a música, a poesia, as crianças, os romances, e claro, as “viagens pitorescas”.

O Professor Marcondes, se um mineral fosse, certamente estaria entre os mais raros e preciosos. Teria sido primeiramente descrito por um padre engajado em uma missão na Amazônia. Seria um mineral estratégico TIC; duro, transparente e de clivagem octaédrica. Se apresentaria, primeiramente, em três variedades gemológicas. Porém, uma quarta variedade seria posteriormente descrita, como produto de alteração de uma das três variedades gemológicas já amplamente conhecidas. Desta forma, totalizando quatro variedades gemológicas (até então). Já teria sido descrito associado a outros dois minerais. Seria resistente ao intemperismo tropical e ocorreria nas zonas de lateritização. Menos frequentemente, seria encontrado em solos e artefatos arqueológicos, bem como em outros patrimônios culturais. Seriam necessárias as mais avançadas técnicas analíticas para caracterizá-lo. Certamente também seria aplicado para muitos fins e, ainda formaria belos cristais ansiados pelos

mais bem informados colecionadores. O nome seria... Isto vou deixar para você, caro leitor. Que nome daria a este mineral?

Contudo, desejamos a você leitor, que se divirta com esta leitura e, coloque em mais alta conta aqueles que lhe inspiram. Para culminar, desejamos que nosso querido Professor Marcondes aceite este singelo regalo em sinal da mais profunda admiração e carinho dos autores. *Prost!*

Belém, 20 de junho de 2021

Suyanne Flávia Santos Rodrigues.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
NO CAMINHO RUMO À BATALHA	15
REDESCOBRINDO UM NOVO ANTIGO DEPÓSITO. UM “CAUSO” BONITO.	19
O DIA EM QUE SURPREENDI O PROFESSOR MARCONDES	23
A OPALA DE PEDRO II - COMO TUDO COMEÇOU	27
A CARREIRA DE MARIMBONDOS E O BODE DO CROMITITO	33
NO CASTELO, À CAÇA DE DIAMANTES COM O ZÉ PEZÃO.....	37
AS AMETISTAS DE BATALHA (PIAUÍ) E A CACHOEIRA DO URUBU.....	39
UM BRINDE, CONCEBIDA PRATA	41
PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES	45
NÃO É BEM UM “CAUSO”, MAS ACHO QUE VALE!.....	49
RUMO A GRAMADO	51
A FORÇA OU O CONHECIMENTO.....	53
O DESPERTAR CRISTALINO	57

O VOVÔ PROFESSOR.....	63
O “CAUSO” DO LEITE CONDENSADO MOÇA (RAÇÃO DE DOUTORADO).....	67
UM NATURALISTA NO “TRONO” EM ARACATI-CEARÁ	71
UMA OCEANÓGRAFA MERTGULHANDO NA MINERALOGIA – CAOS	75
TRILHAS COM O PROFESSOR MARCONDES	79
MEUS PRIMEIROS TRABALHOS DE CAMPO COM O PROF. MARCONDES	83
EM BUSCA DE “DEZ OU DOZE” FORTIFICAÇÕES NA AMAZÔNIA	91
MOMENTOS DE UM DOUTORADO	101
O PROFESSOR E A ALUNA	107
EU, AS GEOCIÊNCIAS E O PROFESSOR MARCONDES.....	111
GALERIA	119
UMA CONFRATERNIZAÇÃO MEMORÁVEL	121
DER MAC	123
AMANTES DA COROA.....	161

EPÍLOGO.....	163
--------------	-----

NO CAMINHO RUMO À BATALHA

Alan Felipe dos Santos Queiroz

Lembro-me da minha primeira viagem com o Prof. Marcondes, em meados de abril de 2018. Era uma viagem relacionada a um projeto de IC lá no interior do Piauí. Lembro de estar extremamente nervoso e desconcertado, pois até então eu via o professor como uma figura mitológica, uma pessoa tão importante ao ponto no qual não deveria lhe dirigir a palavra a não ser para falar algo essencial.

Combinamos de sair de Belém às 4h da manhã, de carro, com ele dirigindo e rumo à Batalha, no Piauí. Arrumei minhas coisas e deixei tudo milimetricamente organizado para evitar qualquer dor de cabeça ou atrapalhar o planejamento da viagem. Na minha cabeça, eu não poderia fazer absolutamente nada de errado e qualquer erro meu poderia custar a minha orientação. Eu não queria “queimar o meu filme” com o meu orientador. Ao chegar no ponto de encontro para a viagem fiquei tenso, não queria chegar cedo demais e nem tarde demais. Tinha que ser na hora certa, eu deveria mostrar pontualidade, mas sem parecer desesperado. Mas como? Cheguei de carro com meu irmão com meia hora de antecedência, mas só comuniquei que estava ali 10 minutos antes do horário marcado. O coração palpita demais, suava frio e eu não estava acreditando que iria viajar com o meu orientador. Toda a tensão se quebrou e eu respirei aliviado quando vi que não iríamos apenas nós dois, mas acompanhados pela presença da ilustre e gentil Sra. Edna Cabral. Ajeitei minhas coisas no carro e partimos.

Durante a graduação as viagens são feitas de ônibus e já estava acostumado com essas viagens longas, com um ou dois dias inteiros na estrada. Como qualquer aluno que acorda cedo, em certo ponto, comecei a cochilar no banco de trás, mas a percepção do meu orientador foi mais rápida e veio o primeiro puxão de orelha seguido de uma lição que eu nunca esqueci. Vocês (alunos da graduação) passam todos os anos por essa região, mas nunca se interessaram em saber o que tem nela, em vez disso, preferem ficar dormido a viagem inteira. Foi aí começou a minha primeira aula. Estávamos passando pela região do Gurupi que é interceptada pela BR-316 e até então eu realmente não conhecia e nem havia me interessado pela região, só sabia do nome. Nesse momento eu aprendi sobre rochas pré-cambrianas, sobre xistos, sobre filitos e outras infinidades de curiosidades e informações geológicas que eu desconhecia.

O medo que tinha de perguntar ou de falar alguma besteira havia sumido e fomos conversando a manhã inteira, com ele me explicando, pacientemente, sobre a geologia dos lugares por onde passávamos. Ao passar o dia, a sensação de que havia um mundo de coisas novas a descobrir era enorme (e a empolgação para aprender era maior ainda).

Esta viagem foi um marco na minha vida em muitos aspectos e foram 4 dias de aventuras, onde conhecemos lugares espetaculares e fui apresentado a pessoas incríveis, como o Professor Érico, o Milson Xavier, dona Rosana (Imagem abaixo), dentre outros, mas isso eu conto em outras histórias.

Belém, 1 de julho de 2021.
Alan Felipe dos Santos Queiroz.



Batalha-PI, Fazenda Caraíbas. Da esquerda para a direita: Alan Queiroz, Milson Xavier, Sra. Rosana, Sr. Bill, Prof. Marcondes, Sra. Edna Cabral e Prof. Érico Gomes (abril, 2018)

REDESCOBRINDO UM NOVO ANTIGO DEPÓSITO. UM “CAUSO” BONITO.

Alessandro Sabá Leite

Na década de 80 do século passado, em meio a uma extensa busca por novas ocorrências de fosfatos lateríticos nas regiões nordeste do Pará e noroeste do Maranhão, o então jovem doutor Marcondes Lima da Costa (MLC) faria os primeiros registros geológicos de um pequeno, mas muito valioso depósito com elevada concentração de P_2O_5 . Tal ocorrência, batizada de Sapucaia em razão de sua proximidade com estrada homônima, produziu um estudo pioneiro que fora publicado no Congresso Brasileiro de Geologia de 1984, com resultados mineralógicos complementares apresentados no congresso seguinte, de 1987.

Aproximadamente 25 anos depois, durante mais uma forte alta no interesse econômico por novos projetos minerais, um grupo de investidores do Estado de Goiás requereu os direitos de pesquisa e exploração mineral de diversas áreas em território paraense, entre estas a que abrangia o depósito de fosfatos lateríticos de Sapucaia, outrora erroneamente classificado como fonte de carbonato de cálcio. Este interesse demandou a contratação de consultoria especializada para analisar a viabilidade econômica para este tipo de recurso na aplicação do minério na indústria de fertilizantes.

Como estratégia de execução de um modelo muito usual, que se assemelha a uma parceria público privada entre a indústria da mineração e a academia científica, fora proposto o financiamento da dissertação de mestrado deste autor, em que haveria o suporte aos trabalhos em campo e a permissão

irrestrita para a publicação dos resultados obtidos junto aos detentores do direito mineral. Então, em uma noite de novembro de 2009, aproximadamente 10 anos após o curso da disciplina de mineralogia ministrado na UFPA, este autor reencontra seu antigo professor Marcondes em um jantar na Estação das Docas para lhe fazer o convite de participar desta nova parceria. Entusiasta da união do conhecimento acadêmico e da prática da mineração, o professor aceitou o desafio da orientação com notável satisfação, iniciando neste dia uma relação de tutor e tutorado que extrapolaria as fronteiras de Sapucaia.

O desenvolvimento do trabalho nos anos seguintes foi marcado por grandes desafios profissionais e pessoais, que produziram mudanças no planejamento inicialmente idealizado. O primeiro divisor foi marcado pela “venda/transferência” do projeto, ainda em fase de pesquisa mineral, para uma empresa de mineração canadense que tinha como meta a expansão de sua participação no mercado de macronutrientes (N, P, K) no Brasil. A transição na mudança de governança adicionou novas camadas de prioridade a este autor, com redistribuição de horas trabalhadas. Concomitantemente a conclusão da transferência dos direitos minerários para a nova detentora, um segundo e mais importante desafio em toda esta trajetória aconteceu, marcado por uma inesperada e ainda inexplicada pneumonia associada a derrame pleural com comprometimento de 80% do volume total dos pulmões, cujas lembranças eclodiram em tempos pandêmicos. Durante a recuperação, cujo a seu Deus este autor é infinitamente grato, e que não produziu qualquer sequela, a presença do Professor Marcondes foi determinante para o

reestabelecimento da saúde mental, fraternalmente equivalente aquela que um pai pode oferecer a um filho.

Apenas dois meses após o acometimento da doença e recuperação plena da saúde, o terceiro desafio se revelou nesta jornada, com a demissão deste autor da empresa detentora dos direitos de exploração de Sapucaia, e os trabalhos de pesquisa no depósito cessou definitivamente. Um novo planejamento foi necessário e a discussão de resultados teria como limite os dados até então disponíveis. Em sequência, este autor passou a integrar uma nova empresa localizada em Minas Gerais que não era detentora de depósitos minerais no Estado do Pará, e um grande esforço para distribuição de hora foi realizado até a conclusão da dissertação de mestrado, que publicou resultados relevantes do depósito de fosfatos lateríticos de Sapucaia, localizado no município de Bonito, Pará.

Os desafios apresentados nesta narrativa, ainda que muito singulares, foram vencidos, e o título de Mestre em Ciências foi concedido a este autor pela Universidade Federal do Pará. Contudo, ela é fruto direto do jovem doutor apaixonado pelas ciências da terra, explorador do desconhecido que martelou Sapucaia quando “ainda era tudo mato”, e há mais de 40 anos dedica-se para o estudo das rochas lateríticas na Amazônia.

Em 2020 a relação tutor-tutorado suprimiu os limites de Bonito, e uma parceria para o desenvolvimento de uma tese de doutorado para a Baía de São Marcos, no Maranhão, começou.

Belém, 30 de junho de 2021.

Alessandro Sabá Leite.



Bonito- PA (julho, 2010).

O DIA EM QUE SURPREENDI O PROFESSOR MARCONDES

Alexandre Máximo Silva Loureiro

Em 2015, iniciei a trajetória do doutorado no PPGG/UFPA e, logo de cara, me matriculei na disciplina Mineralogia Conceitual do nosso querido Professor Marcondes. Sempre tive muita admiração pelo Professor e, como seu aluno, gostei de seu método de ensino, pois é um profissional que consegue juntar muito conhecimento e bom humor em suas aulas, o que torna tudo mais leve e mais proveitoso. Assim, até mesmo quando ele chama a atenção e indica que se está falando besteira, ele tem uma sacada diferenciada de indicar os caminhos certos a serem seguidos com muito bom humor.

Lembro-me que, no semestre em que fui aluno da disciplina, eu era o único arquiteto da turma, sendo os outros colegas geólogos, químicos, engenheiros químicos e por aí vai. Foi uma semana intensa de aulas teóricas que culminou em uma excursão na Ilha de Mosqueiro, a qual foi muito proveitosa tanto para a disciplina quanto para conhecer e interagir com os outros colegas.

Bem, vamos ao causo... na semana da disciplina, tivemos uma aula que envolvia fórmulas químicas, as quais não lembro bem ao certo. Neste dia, o Professor Marcondes escreveu uma fórmula química no quadro e disse que gostaria que alguém fosse resolver o balanceamento desta reação e dirigiu seu olhar para mim e disse:

- Alexandre, você pode ir fazer o balancea... não não, o arquiteto não saberá fazer, deixa eu ver quem poderia...

Eu lhe interrompi e disse:

- Olhaaa professor, eu posso lhe surpreender!

Em seguida, com um sorriso satisfeito em seu rosto, o Professor Marcondes disse:

- Muito bem, então vá ao quadro resolver.

Logo, eu me levantei rumo ao quadro, peguei o pincel e resolvi da pior forma possível, ou seja, todo o balanceamento ficou errado. Vendo a besteira que eu fiz, o Professor diz surpreso:

- Está tudo errado, achei que você fosse me surpreender...

Eu virei e disse:

- Pois é professor, eu disse que ia lhe surpreender e o senhor achava que eu ia acertar. No fim das contas eu lhe surpreendi, negativamente!

O professor sorriu e disse que eu estava certo, porém isto não resolia o balanceamento. Neste momento eu sabia que não conseguia resolver aquela equação, mas sabia que com a gentileza, a compreensão do Professor Marcondes, eu atingiria meu objetivo, conseguiria compreender o conteúdo e aprender da melhor forma possível com um dos melhores professores que já tive em toda a minha vida.

Por fim, gostaria de deixar registrada toda a minha gratidão por ter um professor tão especial em minha vida, tanto pelos conhecimentos transmitidos, quanto pela sua amizade e cumplicidade ao longo destes anos.

Belém, 9 de julho de 2021.

Alexandre Máximo Silva Loureiro.

PS: Ainda Não esqueci que havia prometido tocar em uma festa de final de ano as músicas Jesus alegria dos homens, *adeste fideste e jingle bell*. A promessa será cumprida, espero que em breve, o professor com sua flauta e eu em meu teclado.



Ilha de Mosqueiro. Belém- PA (Maio, 2015)

A OPALA DE PEDRO II - COMO TUDO COMEÇOU

Érico Rodrigues Gomes

Cheguei no curso de Geologia da UFPA em julho de 1988, transferido da UNIFOR (Fortaleza, CE). No início do ano de 1989, começando uma bolsa de iniciação científica do CNPq sob orientação da querida profa. Ana Góes, iria mapear e estudar os sistemas deposicionais da formação Poti, na Serra de Santo Antônio, em Campo Maior (Piauí), quando procurei o Prof. Marcondes.

Fui em sua sala, bati na porta e entrei! Estava numa pequena mesa que ficava à esquerda de quem entra pela porta de vidro existente após o salão principal do Museu de Geociências, quase escondido no meio de estantes e amostras do acervo. Caminhei em sua direção, ele estava de cabeça baixa, lendo e escrevendo algo; me apresentei, disse meu nome, fui falando que gostava de mineralogia – até este momento, continuava de cabeça baixa – e lhe disse que gostaria de estudar as opalas de Pedro II (Piauí).

Foi a senha mágica, de imediato, levantou a cabeça, largou a caneta e o papel, começamos a conversar. Ao final de uns 5 minutos de papo amistoso, disse para eu pesquisar na biblioteca a literatura sobre opalas.

Ao sair da sala, encontrei o amigo Afonso Rodrigues, colega na disciplina e viagens de sedimentologia, e comentei: vou deixar a orientação da profa. Ana e começar uma com o Prof. Marcondes. Sua reação e dos colegas que estavam ao redor, foi imediata: “tú é doido, largar a profa. Ana, uma mãe, projeto I.C., bolsa CNPq!”

Não houve jeito, eu tinha decidido estudar as opalas de Pedro II! Participei entusiasmado, pela primeira vez, da famosa reunião de sexta-feira no final da tarde, com todos os “filhos do Prof. Marcondes”, onde apresentávamos os progressos semanais. Pouco mais de um mês após iniciar a pesquisa bibliográfica, o mestre foi para São Paulo, ia na UNICAMP, se não me engano, participar de uma banca de doutoramento.

Na primeira sexta-feira, após seu retorno para Belém, ao iniciar a reunião com seus pupilos, todos sentados em volta da grande mesa, ele entra na sala e joga em cima da mesa um enorme volume que trouxera de São Paulo. E disparou:

-Érico, acabou o seu TCC! Recebi essa cópia na USP! É uma tese de doutorado defendida no ano passado (1988), na Universidade de Sorbonne, a principal e mais tradicional universidade de Paris, na França. Tudo sobre opala está aí, todas, todas as análises (MEV, Microssonda, etc). Não tem mais o que estudar!

Tomei um susto!! E por um momento, fiquei sem reação, quando falei: posso ficar com a tese para ler e comentar na próxima reunião? Recebi o bólido como uma batata quente, com as recomendações de praxe, para ter cuidado e tal.

Saí da reunião e corri para a biblioteca do Centro de Geociências, chegando poucos minutos antes de seu fechamento. Tentei pegar emprestado um dicionário do idioma francês e quando fui assinar a ficha de empréstimo, informaram que era acervo cativo, não podia sair da biblioteca.

Argumentei que precisava do dicionário e assumi o compromisso de devolver a obra na abertura do expediente de segunda-feira. A bibliotecária se comoveu com meu aperreio e

me emprestou o dicionário. Passei o final-de-semana lendo a dita tese com o dicionário ao lado. E por toda a semana seguinte. Chegando o grande dia da reunião com os orientandos, fui o primeiro aluno a ser questionado pelo Prof. Marcondes:

- Como foi a semana? O que achou da tese?

Comentei alguns resultados da geoquímica e da mineralogia, argumentei que o autor não tinha levado em consideração seus próprios dados de laboratório para as afirmativas que constavam na conclusão. Todo os dados indicavam uma hipótese de gênese hidrotermal. E na conclusão havia outra hipótese, pois o autor afirmava que a gênese da opala de Pedro II era similar à gênese da opala australiana, com lixiviação da sílica e posterior concentração, sob ambiente de lateritização!

Logo lateritização, um assunto que o Prof. Marcondes domina com maestria.

Nesse momento, ele pegou o volume da tese, começou a folhear apressadamente, passando as páginas enquanto eu comentava os resultados da minha leitura e análise. E em alguns instantes, veio o veredito:

- Seu TCC continua, vamos fazer essa pesquisa com as opalas de Pedro II!

Foi um alívio para mim! Ganhei o final de semana, e fiquei confiante que faríamos um bom trabalho.

Ainda no começo do ano de 1989, me inscrevi num curso de Gemologia Básica, ministrado pelo geólogo Taylor Collier/DNPM (*in memoriam*). Durante o curso, pedi

emprestado um catálogo ilustrado de equipamentos gemológicos. Com esta referência, o Prof. Marcondes, entusiasmado com as perspectivas gemológicas da Amazônia, preparou o projeto para montar um laboratório de Gemologia e submeteu para o DAAD, órgão do governo alemão para intercâmbios.

Neste mesmo ano, submetemos e foi aprovado um projeto financiado pelo BASA (Banco da Amazônia SA), para capacitação continuada em Gemologia. A cada mês vinha para o CG/UFPA, um grande expoente da gemologia brasileira. Ocorreram cursos de Identificação de Gemas Lapidadas, Identificação de Diamantes, Avaliação de Joias e inúmeros módulos que tinham como objetivo estimular a implantação e o desenvolvimento do Polo Joalheiro na capital paraense.

No início de 1990, defendi o TCC com o título “Contribuição à Gênese da Opala de Pedro II, Piauí” onde demonstramos com base na geologia, geoquímica e mineralogia, que a opala estudada teria tido origem num ambiente hidrotermal, com células de convecção de fluidos resultantes da intrusão da soleira básica abaixo dos arenitos (aquélico) da formação Cabeças. O fluido aquecido teria mobilizado a sílica dos grãos do arenito e alterado a porção externa da soleira básica, adicionando mais sílica à solução, precipitada posteriormente e formado as maravilhosas opalas pedrossegundenses. Uma gênese diferente da opala mexicana e, principalmente, das opalas australianas.

Depois fui residir no Rio de Janeiro, mas os estudos mineralógicos e gemológicos continuaram na UFPA. Saiu o resultado do governo alemão com a aprovação do projeto e a aquisição dos equipamentos para a montagem do Laboratório de Gemologia do CG. Em 1995 houve a instalação de uma

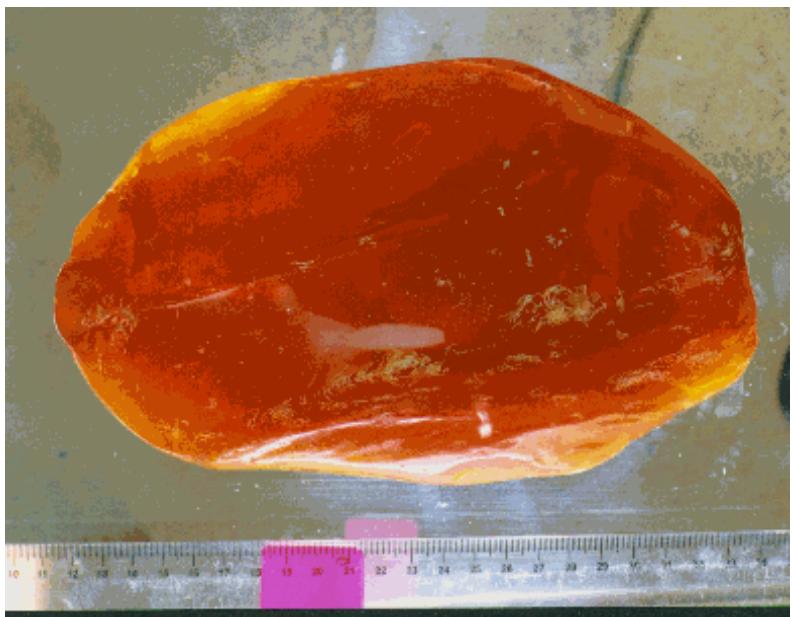
especialização em Gemologia com apoio da CAPES e PROPESP/UFPA.

Aproveito, destaco e homenageio aqui, outros “filhos do prof Marcondes” com os quais me relacionei e que também estudaram gemas: os amigos Carlos Cassini (*in memoriam*), paranaense arretado que estudou as ametistas do Rio Grande do Sul. E Helmut Höhn (*in memoriam*), um *lord* catarinense que estudou os diamantes do rio Tocantins.

Posteriormente, no ano 2000, retornei do Rio de Janeiro para Belém, com o intuito de fazer o mestrado estudando as opalas laranjas de Buriti dos Montes (Piauí), comparando-as com as opalas de Pedro II (Ilustradas abaixo).



Opalas de Pedro II com jogo de cores.



Opala vermelha de Buriti dos Montes-PI, sem jogo de cores.

A CARREIRA DE MARIMBONDOS E O BODE DO CROMITITO

Érico Rodrigues Gomes

Em março de 2007, fomos numa viagem de campo para o município de Avelino Lopes, sudeste do estado do Piauí, conhecer umas ocorrências de ferro e cromo. Uma região de embasamento com relevo muito arrasado, ligeiramente ondulado, onde se desenvolveu uma exuberante Caatinga com mata arbórea.

Caminhando em busca das ocorrências de ferro e cromo, chegamos numa área com uma linda mata de canafistula, um arbusto com cachos de flores amarelas como ouro, que tornavam a paisagem de grande beleza cênica, com seus galhos quase encostando no chão. Tínhamos que nos abaixar para passar sob as copas (Ilustrado abaixo), e numa destas, encostei a mochila numa casa de marimbondo-de-chapéu, bicho brabo, temido e famoso pela sua ferroada.

Ao percebermos o perigo da situação, saímos correndo pela mata, sem olhar para trás, até não ouvirmos mais o zumbido dos marimbondos. Paramos, olhamos um para o outro, verificamos se haviam ferroadas pelo nosso corpo, e aliviados por estar tudo bem conosco, começamos a sorrir da situação.

Tudo estava ok, até darmos conta de que martelo, bússola, GPS e prancheta tinham sido largados durante a corrida, na fuga alucinada! Retornamos na mesma pisada procurando os itens perdidos, e lá estavam, quase embaixo dos marimbondos. Rastejei lentamente, com muito cuidado, peguei os materiais e seguimos com a caminhada em busca dos afloramentos de magnetitas e cromitas, logo encontrados

em meio à serapilheira, sombreados, no meio daquela mata exuberante de canafistulas da Caatinga piauiense, na forma de blocos descritos em campo como magnetitos e *pods* de cromitito nodulares.

Mais à frente, agora em busca de outro afloramento, procurávamos uma antiga trincheira escavada pela COMDEPI (Companhia de Desenvolvimento do Piauí), nos idos dos anos da década de 1980.

Contratamos um morador das proximidades como guia, bom conhecedor que era das trilhas da região. Ao chegarmos no local da trincheira, encontramos caído e preso dentro da mesma, como uma armadilha produzida pela pesquisa mineral, um jovem bode, ainda vivo, que berrava como se estivesse nos chamando, a mostrar a localização da ocorrência mineral que procurávamos (Ilustrado abaixo).

Com muita dificuldade, retiramos o animal do interior da cava e, como prêmio pela boa ação, lá estava, no fundo da trincheira, os afloramentos que estávamos procurando, na forma de blocos sobrepostos por nódulos de uma crosta ferruginosa com matriz silto-argilosa vermelha, alóctones.

Todos ficamos felizes: o guia por ter salvado um animal de seu plantel; o bode, que nascera de novo, pois provavelmente poderia ter tido um fim trágico e; nós dois (Prof. Marcondes e eu), por encontrar a antiga trincheira.



Avelino Lopes-PI. Passando sob a copa das canafistulas, e a trincheira com o bode e blocos de cromita na sua base (março, 2007).

NO CASTELO, À CAÇA DE DIAMANTES COM O ZÉ PEZÃO

Érico Rodrigues Gomes

No dia 2 de março de 2007, fomos para a região de Gilbués e Monte Alegre do Piauí (sul do Piauí), cidades que se destacam por sua tradicional atividade do garimpo de diamantes, ocorrendo desde 1940 de modo intermitente até os dias atuais.

Nosso guia de campo foi um antigo e experiente baiano, proveniente dos garimpos de diamante da Chapada Diamantina. Trabalhou em Gilbués durante o apogeu da atividade garimpeira entre o final dos anos das décadas de 1960 e início dos anos de 1970. Homem forte e alto, grande desbravador e convededor de todos os garimpos locais, o senhor José Pezão, mais conhecido como Zé Pezão (Carlos Oliveira Azevedo, *in memoriam*, falecido no início de 2021, acometido pela Covid-19), que na época de nossa viagem, administrava um pequeno bar na rua principal da cidade de Monte Alegre do Piauí, a própria rodovia BR-135.

Fomos na localidade Castelo, nas proximidades da cidade, conduzidos pelo seu Zé Pezão, que foi durante muitos anos garimpeiro na área e conhece Deus e o Mundo, tendo boa amizade com o seu Sabino, dono da fazenda e do garimpo, temporariamente parado, sem atividades.

Ali, o diamante ocorre em lentes conglomeráticas, formadas pelos maticões e seixos de arenitos, matriz arenosa, repousando em discordância erosiva sobrepostos aos arenitos da formação Poti (Carbonífero). No local, a extração do diamante era realizada através de poços escavados manualmente, com diâmetro aproximado de 80 cm e

profundidade entre 10 e 12 m, até atingir a camada denominada de cascalho diamantífero. A esta profundidade são abertas pequenas galerias dentro do conglomerado, que é extraído e enviado para a superfície onde sofre peneiramento e concentração com auxílio de suruca e bateia. Os seixos são geralmente de quartzo leitoso, calcedônia, quartzo hialino e arenito. Os “minerais” satélites na linguagem garimpeira, correspondem ao baguá, pretinha, ferragem, feijão, resina, sal, etc. Segundo o nosso guia, 60 % da produção do diamante era do tipo “fazenda fina” (5 a 6 diamantes/ kt), 30 % de “3/1” (3 diamantes/kt), 10 % é de “pedra” (> 1 kt).

Destaco aqui, a felicidade do geólogo, como um menino que havia acabado de ganhar uns presentes! Lá estava o mestre em cima do bota-fora, sentado nos seixos, coletando feliz da vida, amostras dos concentrados descartados pelos garimpeiros junto aos poços de lavagem do cascalho (Ilustrado abaixo)



Prof. Marcondes, garimpando “minerais” satélites do diamante, observado pelo seu Zé Pezão. Localidade de Castelo, nas proximidades de Monte. Alegre do Piauí- PI. (março, 2007).

AS AMETISTAS DE BATALHA (PIAUÍ) E A CACHOEIRA DO URUBU

Érico Rodrigues Gomes

Em abril de 2018, professor Marcondes veio ao Piauí acompanhado da sra. Edna Cabral e pelo geólogo Milson Xavier, para uma atividade de campo do então aluno, Alan Felipe dos Santos Queiroz. Tivemos como nosso destino, a sede da antiga e tradicional fazenda Caraíba, (zona rural do município de Batalha, norte do estado), atualmente pertencente à herdeira, a Sra. Rosana de Carvalho Sousa, muito simpática, nos acolheu com a tradicional hospitalidade própria dos piauienses, durante os dias 20 e 21 do corrente mês.

A região dos municípios de Batalha e Esperantina, no estado do Piauí, é reconhecida na literatura geológica como local de antigos garimpos e minas de ametistas. Também ocorrem associados, outras variedades de quartzo, como o hialino, leitoso, citrino, esfumaçado e morion, encontrados na forma de veios e pequenas drusas hospedados nos arenitos da formação Cabeças (Grupo Canindé), sobrepostos aos diabásios da Formação Sardinha, estes, intrusivos na forma de soleiras.

Nos domínios da propriedade da sra Rosana, foram encontradas principalmente as variedades de quartzo leitoso, hialino, esfumaçado e morion. Raros citrinos e ametistas, estas últimas, a razão principal da pesquisa mineral que ela desenvolvia no local sob minha orientação técnica.

Após o segundo dia de campo, iniciando o retorno para Teresina, capital do Piauí, de onde embarcariam no voo de

volta para Belém (PA), pegamos a estrada de terra que passa na frente da sede da fazenda Caraíbas com destino à maravilha natural da Cachoeira do Urubu, encontrada no leito do rio Longá, separando (ou unindo como dizem os poetas!) os municípios de Batalha e Esperantina. Este sim, a grande surpresa da viagem, o espetáculo das águas no sertão semiárido piauiense!

O percurso de tirar o fôlego, é realizado através de uma passarela cruzando o rio com suas águas revoltas, correndo furiosas há uns 40 centímetros abaixo dos nossos pés, formando uma nuvem de vapor sob um estrondoso som da queda d'água. Um momento marcante para todos e de uma adrenalina indescritível (Ilustrado abaixo)

UM BRINDE, CONCEBIDA PRATA

Érico Rodrigues Gomes

Professor Marcondes, sempre que tem uma pequena folga em sua concorrida agenda, dá um pulinho em Rio Branco, no Acre, onde reside sua mãe, dona Maria da Conceição, chamada carinhosamente de dona Concebida. No retorno para a UFPA, em Belém, nas reuniões de sexta a tarde, falava de sua mãe e outros familiares para todos nós, entre uma fatia de bolo e o acompanhamento de algum de seus orientandos.

Certa vez, comentou comigo das dificuldades que seus pais, na época residindo em Feijó, tiveram para proporcionar uma educação aos filhos. Quando criança, teve a oportunidade de ser enviado para estudar no colégio de padres, interno, em Cuiabá (Mato Grosso), onde obteve a formação escolar base para toda a sua vida. E como dona Concebida acompanhou orgulhosa, a carreira do seu filho na universidade.

Um belo dia, aqui em Teresina, me deslocando de casa para o IFPI onde ministro aulas, vi que alguns muros da cidade amanheceram com a propaganda de um produto novo, lançamento que se encontrava disponível nos principais supermercados e lojas de conveniência.

Uma cachaça, isso mesmo, mas pode chamar de abre-coração, abrideira, água-do-santo, água-que-passarinho-não-bebe, aguardente, birinaite, branquinha, caninha, esquenta-dentro, limpa-goela, marvarda, manguaça, pinga. O nome da danada era Concebida, isso mesmo, Concebida! Apresentada nas versões Ouro (amarelada), destilada em tonéis de

carvalho, e a Prata (a original branquinha; ilustrada abaixo), coisa de geólogo.

E não é que a danada era muito boa, caiu no gosto da freguesia teresinense. Logo que os estoques das lojas de conveniência e supermercados eram repostos, rapidamente compravam tudo e esgotava. Após muitas idas ao supermercado, consegui adquirir algumas garrafas. Quando o Prof. Marcondes veio em sua próxima viagem ao Piauí, o presenteei com a preciosidade. Levou na mala para Belém umas duas ou três garrafas, envolvidas em muitas peças de roupas, onde vai bicando, degustando e saboreando a iguaria de vez em quando.

Infelizmente, a marca foi descontinuada pelo fabricante em função de dificuldades no fornecimento da matéria prima, a cana-de-açúcar, proveniente de fazendas localizadas no interior de Caxias, Maranhão.

Ao saber deste fato, corri na sede da distribuidora e adquiri todo o estoque de garrafas que lá havia, totalizando duas caixas de 12 garrafas/cada. Quase todas degustadas nas festividades do meu aniversário de 50 anos, em 2016. A certa altura da festa, entre um trago e outro, algum dos convidados encontrava-se na pressão, gritava “Viva a Concebida!!!”

Guardo com carinho as últimas garrafas, esperando a próxima vinda do mestre para o Piauí, quem sabe iremos visitar os garimpos de opalas de Pedro II, onde tudo começou, sob o friozinho da Serra dos Matões e bençãos da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, brindaremos nossa amizade com um brinde da Concebida.

Saúde e vida longa!!!!



Cachoeira do Urubu-PI (abril, 2018).



Garrafa de Concebida, prata. Teresina- PI.

PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES

Érico Rodrigues Gomes

Durante a viagem de campo ocorrida em 2001 para o povoado Tranqueira, zona rural de Buriti dos Montes, nordeste do estado do Piauí, como atividade de orientação para meu mestrado estudando as opalas laranjas encontradas naquela localidade, observei um detalhe do mestre: ao caminharmos por uma trilha espremida entre os paredões de arenitos do Grupo Serra Grande, em plena Caatinga, de vez em quando ele parava e tirava algumas fotos. Então perguntei:

- O que o senhor tanto tira retrato desse mato?

- São estas flores lindas encontradas no campo. Relatou, emendando um “causo” de quando era estudante de Geologia, ao observar seu professor de Mineralogia tirar retrato de flores no campo. Comentou sobre a simetria observada nas flores e sua semelhança com a simetria dos cristais, com seus planos e eixos (Ilustradas abaixo).

Antes de retornar para Belém, o Prof. Marcondes coletou algumas mudas de Carnaúba (*Copernicia cerifera*), a "árvore da vida" para o sertanejo piauiense, a árvore símbolo do estado do Piauí (embora seja uma palmeira). Levou as mudinhas envoltas num jornal úmido para plantar no seu sítio em Mosqueiro, fascinado com o eixo de crescimento de seu caule, tipo parafuso, destacado pelo resto das capembas de suas folhas que ficam em seu tronco. E a beleza da simetria de sua copa circular (Ilustrada abaixo). Alguns anos depois, me relatou que a planta não resistiu ao inverno amazônico, que não teria se adaptado com tanta chuva.

No final do ano de 2020 recebi uma fotografia tirada na sua fazenda em Feijó, no interior do Acre, mostrando uma pindoba de Carnaúba que iniciava seu lento crescimento, soltando as primeiras folhas, vistosas, na cor verde esmeralda (Ilustrada abaixo). A vitória da perseverança!

E eu, Érico, hoje professor do IFPI, me encontro tirando retratos das flores durante as atividades de campo com meus alunos, deixo aqui esta homenagem, depois de diversos “causos” com rochas e minerais, pra não dizer que não falei das flores.

Os amores na mente, as flores no chão / A certeza na frente, a história na mão / Caminhando e cantando e seguindo a canção / Aprendendo e ensinando uma nova lição (Geraldo Vandré).

Mestre, muito obrigado!

Teresina, 30 de junho de 2021.

Érico Rodrigues Gomes.



Diversas flores encontradas na Caatinga e Cerrado, em território piauiense.



Carnaúbas em Batalha-PI, Feijó-AC (2020) e Campo Maior- PI.

NÃO É BEM UM “CAUSO”, MAS ACHO QUE VALE!

Flávia Olegário Palácios

Conheci o professor Marcondes ainda na época que era aluna de graduação em 2007, quando era bolsista da Thais Sanjad. Mas foi quando entrei no doutorado que tive a oportunidade de ter mais contato com ele.

O Professor Marcondes impacta positivamente minha vida acadêmica. Com a ajuda dele consegui sanar muitas dificuldades que tinha na época do doutorado, e que sorte tenho, essa ajuda permanece até hoje, assim como para muitos dos seus alunos e ex-alunos. Sempre está de portas abertas para nos atender, com aquele jeito único, só dele.

Na disciplina de Mineralogia Conceitual, o Professor inclusive me fez refazer a prova até que ficasse boa o suficiente, afinal, aluno de doutorado tem que ter bom conceito. Foram muitos puxões de orelha, mas certamente muito importantes. Na minha banca de qualificação, o Professor Marcondes foi certeiro, e as críticas influenciaram muito no andamento da minha tese. Na minha banca de defesa, ele me deu as contribuições mais preciosas, que levo até hoje quando escrevo artigos para os periódicos.

O Professor Marcondes entra no meu rol dos professores mais queridos, inesquecíveis, que quero muito bem, e que tenho um enorme carinho. Ao querido Professor, fica o meu muito obrigada por todos os ensinamentos, que extravasam do mundo acadêmico.

Belém, 12 de julho de 2021. Flávia Palácios



Museu de Geociências. Belém-PA (julho, 2018; dezembro, 2019)

RUMO A GRAMADO

Glayce Jholy Souza da Silva Valente

Naquele ano de 2011, iríamos participar do Congresso Brasileiro de Geoquímica que ocorreria na charmosa cidade de Gramado. Como o período coincidira com nosso belíssimo Círio, e embarcaríamos justamente no domingo da principal procissão, aventurei-me então a marcar presença na chamada Trasladação, que é a procissão cujo percurso é o inverso do Círio. Ainda que tudo tenha ocorrido bem, as consequências não foram nada boas para o meu estômago, que causaria bastante constrangimento, pelo fato de não ter descansado e nem me alimentado corretamente às vésperas da viagem. Pois, assim, foi, um vexame total, vomitei muito durante o voo, e de certa forma, fui acudida pelo Prof. Marcondes, vejam só, que situação.

O problema não parou por aí, não, o trajeto para Gramado, que deveria ser um passeio incrível, para mim também foi um terror, pois, passei muito mal durante toda a viagem, e, ainda lembro-me, das limas que o professor sempre gostou de consumir, e, que de fato, eram realmente muito saborosas, porém, um tormento para o meu estômago, que só de sentir o cheiro, já revirava tudo por dentro. Assim foi, só fui encontrar uma melhora, quando já em Gramado, o professor recomendou, daquele jeitinho que ele tem de fazer as recomendações, que eu tomasse uma bela sopa quentinha, e foi após algumas noites de sopas quentinhas que o meu estômago pode restaurar um pouco da saúde que lhe restara.

O restante da viagem ocorreu de maneira tranquila, participamos, e também gazetamos o Congresso para que

pudéssemos *dar um rolê* pela cidade, e seus arredores. Até cerveja tomei, foram momentos muito prazerosos, de conversas descontraídas, passamos por trilhas, ralei o joelho numa queda que acho que ninguém viu, fiquei exausta da trilha, passamos por cachoeiras, vinhedos, degustamos vinho e um queijo que até hoje me arrependo de não ter comprado.

E, assim, como outras viagens que tivemos oportunidade de desfrutar da presença de nosso querido Prof. Marcondes, ficou na memória como uma boa lembrança. Só quem tem e se dá a oportunidade de conhecê-lo, sabe a pessoa inestimável que ele se torna em nossas vidas, e, por isso, é inevitável não o inserir ao nosso seio familiar, como um pai, tio e até avô de nossos pimpolhos.

Belém, 5 de julho de 2021.

Glayce Jholy Souza da Silva Valente.



Gramado -RS (outubro, 2011)

A FORÇA OU O CONHECIMENTO

Igor Alexandre Rocha Barreto

Parecia ser mais um dia “útil” normal para o aluno de doutorado. Ele accordou no início da manhã, e como de costume, preparou o seu café da manhã às pressas, tomou o seu banho, vestiu-se rapidamente e dirigiu-se ao excêntrico “Museu de Geociências”, seu local de trabalho/aprendizagem há pelos menos 6 anos, local que não é mais o mesmo há quase 2 anos por não ter mais com frequência a presença do “curador mais apaixonado pelo conhecimento” que o local já presenciou.

O aluno de doutorado realizou todas as atividades planejadas para a manhã daquele dia e seguiu seu ritual de saída, desligou todas as luzes e fechou todas as portas. Saindo do Museu de Geociências o aluno se depara com uma feliz coincidência, ele avista o curador estacionando o seu carro, rapidamente o aluno vai até ao encontro do curador, que também é seu orientador de doutorado, e pergunta se ele precisa de ajuda, prontamente o curador diz que necessita, pois trouxe uma planta de seu apartamento e deseja plantá-la no gramado do Museu.

O curador abre o porta-malas e o aluno de doutorado, praticante de musculação, retira a planta do porta-malas, ela estava em um vaso de concreto, o que exigiu um pouco de força para retirá-la, mas algo que não foi difícil de fazer pelo aluno. O curador pega uma draga que estava no carro e ambos com seus utensílios em mãos vão até o gramado para finalizar a tarefa planejada, plantar um pé de tinhorão.

O primeiro passo para plantar é abrir um buraco que caiba a planta. O aluno de doutorado pede a draga das mãos do curador e começa a fazer movimentos com a draga sobre a terra para abrir o buraco, o aluno usa a força com vontade, tentando abrir o buraco o mais rápido possível, quando de repente se ouve um estalo “tréc”. O inesperado aconteceu, o aluno usou força demais e quebrou a draga, e o pior, não tirou quase nada de areia.

O curador, já na idade que se tem cabelos brancos, pegou a draga e com todo o conhecimento/experiência que a tarefa exigia, abriu o buraco em questão de poucos minutos, o que tornou possível plantar a árvore (Ilustrada abaixo) e fazer o aluno aprender mais uma vez com o seu orientador, levando o aluno a refletir sobre a frase atribuída ao Físico Isaac Newton: “Se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes”.

Belém, 28 de junho de 2021.

Igor Barreto.



Fim do expediente. Museu de Geociências, Belém-PA (maio, 2021). Imagens: Marcondes Lima da Costa

O DESPERTAR CRISTALINO

Leonardo Boiadeiro A. Negrão

A data exata me falha a memória. Só posso afirmar que estávamos em meados do primeiro semestre do ano de 2011.

Eu, 19 anos idade e um orgulhoso ex-calouro do curso de geologia, ocupava a primeira fila de carteiras na aula sobre estruturas cristalinas, parte da disciplina mineralogia macroscópica ofertada e ministrada pelo Professor Marcondes Lima da Costa. Era um lugar que eu gostava: excelente acústica, boa visão para o quadro, maior possibilidade de interação e na direção da ventoinha do ar-condicionado.

Deveríamos estar em um desses horários entre as 12h e 15h, pós-almoço e consequentemente após nosso retorno do RU. Era um desses dias típicos belenenses em que o sol castigou antes da chuvinha vir dar as graças. A “maratona do RU” de sol quente e fila longa terminara na sala friazinha (ar-condicionado no máximo), com cadeiras acolchoadas e barulhinho de chuva no background, em um saudoso prédio que hoje já não mais existe. Obviamente era um cenário perfeito para aprendermos como as 32 classes de cristais são derivadas de 7 sistemas cristalinos.

O Professor Marcondes rotacionava de um lado para o outro um modelo cúbico de face centrada. Dava o exemplo clássico da halita que possui tal estrutura, e continuava explicando a disposição do Na e Cl nessa malha. Eu, de barriguinha cheia, me esforçava para manter as pálpebras abertas, mas a corrente de vento do ar-condicionado tangenciava precisamente, forçando o movimento contrário. Então, por um curto espaço de tempo, fiquei offline.

Certamente não foi muito tempo, mas o suficiente para que o Professor Marcondes arremessasse o modelo cristalino na minha direção. E me acertou em cheio. O motivo foi claro: provocar o despertar cristalino. Eu nunca mais me esqueceria da estrutura cristalina da halita, nem de pegar meu sagrado cafezinho preto antes das aulas para evitar a mesma cena com o Professor.

De fato, não foi a primeira nem a última vez que dei a famosa “pescadinha” em uma sala de aula. Também não foi por mal, e nem algo que me orgulho, apesar de ser conhecido entre os colegas de curso por isso. Mas, sem dúvidas, foi a vez que nunca me esquecerei. Algumas semanas mais tarde eu estava me candidatando no Museu de Geociências a um trabalho de Iniciação Científica com o Professor Marcondes, e esperando que ele não se recordasse do episódio.

Já se passaram 10 anos e fico feliz que o Professor preserva a boa mira para continuar despertando e inspirando muitos, inclusive eu.

As fotos que seguem não são do episódio citado, mas de muitos outros despertares.

Feliz aniversário, Professor Marcondes! E obrigado pelo despertar.

Abraços,

Halle, 26 de junho de 2021.

Leonardo Boiadeiro A. Negrão



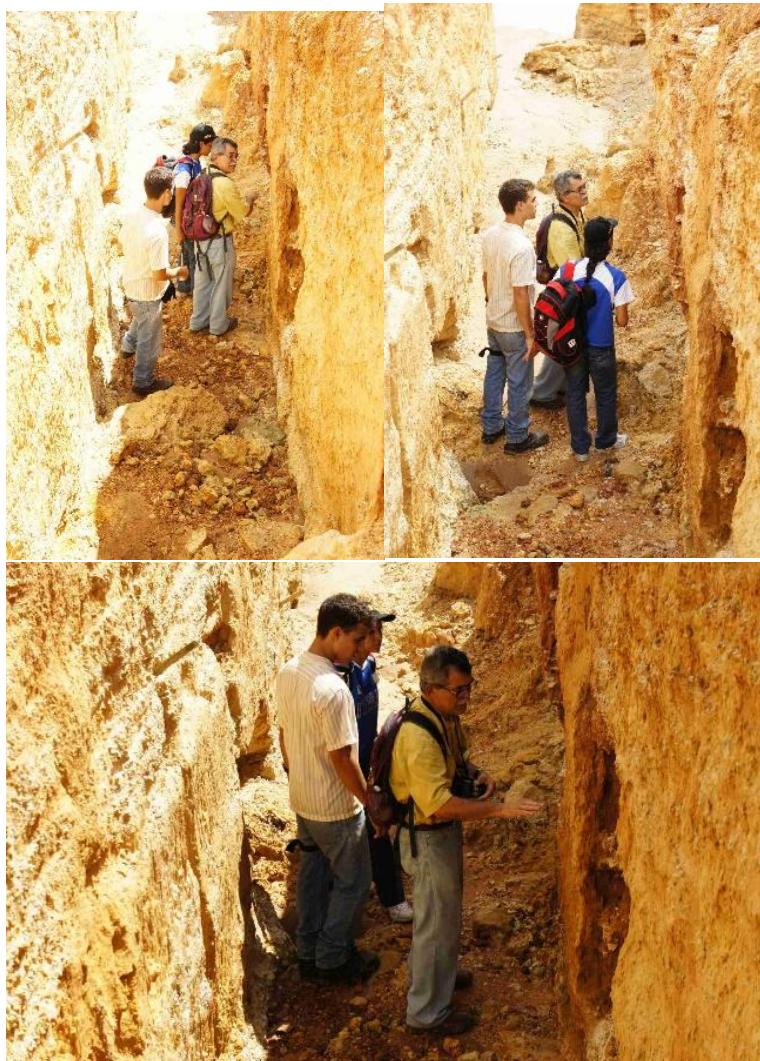
BR-010, sudeste do Pará (julho, 2015).



Rondon do Pará- PA. (julho, 2015).



Baía do Sol- Mosqueiro-PA (Maio, 2015)



Sapucaia- Bonito-PA (maio, 2011)

O VOVÔ PROFESSOR

Marcos A. Rodrigues Tavares da Silva

Ele é geólogo, conhece todos os minerais e sabe plantar muito bem, até me deu uma planta grande. Vai me ensinar tocar flauta.

Belém, 20 de junho de 2021.

Marcos Avelino.



Aconchego de um colo seguro. À esquerda, Praça Batista Campos, Belém-PA (maio, 2017). À direita, retorno da praia ao Seringal Andiroba Forest, Baía do Sol, Ilha do Mosqueiro-PA (julho, 2017). Na noite anterior a este registro, 66 velinhas haviam iluminado a Baía do Sol.

EU CONHEÇO HÁ MAIS TEMPO QUE VOCÊS!

Marcus Melo Costa

Eu já escutei algo como “tu não conheces ele há tanto tempo quanto eu”. Pode isso? Eu simplesmente respondi que o conheço há 38 anos.

Nesses 38 anos, vi as várias facetas desse senhor que poucos, ou quase ninguém, conseguem acompanhar em suas andanças e “trabalhanças”. Vi o pai, o professor, o amigo e até mesmo o conselheiro amoroso.

A faceta do pai: não preciso comentar, pois a tenho na memória desde moleque. Porém, ela se fortaleceu depois de velho. Não dele velho, mas de mim velho. Sempre presente, sempre ajudando e sempre aconselhando. O novo pai.

A faceta do professor: sempre ensinando... e chato! Contudo, ouvindo e aprendendo para dar suas ponderações. Como um professor deve ser.

A faceta do amigo: essa surgiu com a faceta do pai (2.0), aconselhando e direcionando para um novo entendimento e aproveitamento da vida.

E, por fim, a faceta do conselheiro amoroso: essa não preciso entrar em detalhes, mas me fez economizar uma bela grana em “terapia de casal”. Deu tudo certo e estamos aqui juntos (minha companheira e eu, não o Marcondes e eu) e felizes na fazenda, graças ao Doutor Terapeuta “geoantropomófico”.

Nesses 70 anos, pude ver todas as facetas do Marcondes. Inclusive, tive a oportunidade de conhecer vários dos meus

irmãos que sofreram com o educador, porém, assim como eu, o admiram e são gratos por todos os ensinamentos.

Obrigado, pai! O senhor é chato para um cacete - às vezes -, mas é amável e importante demais para nossas vidas! Assopre essa e todas as outras velas que vierem!

Feliz aniversário!

Feijó, 3 de julho de 2021

(fim dos tempos).

Marcus Melo da Costa,
Parente do Marcondes Lima da Costa.



BR-364, Rio Branco-Feijó-AC (março, 2018).

(Revisores: Michell G. Moutinho e Alexandre Pinheiro Melo)

O “CAUSO” DO LEITE CONDENSADO MOÇA (RAÇÃO DE DOUTORADO)

Maria Ecilene Nunes da Silva Meneses

Não se sabe ao certo quando e quem inventou essa oitava maravilha do mundo, usada atualmente para fazer bolos, tortas, doces, brigadeiros, pudins etc. O fato é que a produção do leite condensado se tornou industrial em 1853 com o empresário americano Gail Borden que o patenteou em 1856. O leite condensado virou uma febre na Guerra Civil Americana (1861-1865), quando foi adotado como ração para as tropas de soldados. A lata de 395 gramas contendo aproximadamente 1.300 calorias, era prática para transportar e uma deliciosa fonte de energia. Anos mais tarde o produto também fez muito sucesso na Europa, principalmente entre as mulheres, que reforçavam a alimentação de seus filhos dando-lhes o energético e açucarado leite condensado.

No Brasil, o leite condensado foi introduzido com o nome ingleiado de *MILKMAID*. No entanto, as pessoas não conseguiam pronunciar corretamente e começaram a chamá-lo de o “leite da moça” referindo-se a camponesa ilustrada no rótulo. A Nestlé então, quando abriu sua primeira fábrica no país, em 1921 adotou convenientemente o nome criado pelos consumidores.

Eu como nasci pobre e só comia arroz com abóbora na minha infância, só chupei minha primeira lata de leite condensado aos 20 anos, escondida na dispensa de uma mansão do Lago Sul em Brasília, onde era eu servicial. Foi amor à primeira golada e continuei essa minha prática por anos. Até que num belo domingo do ano de 2007, estava eu em casa, já em Belém, cursando o primeiro ano do doutorado,

provavelmente de TPM (Tensão Pré Marcondes....brincadeirinha kkk), e bateu aquela vontade de um docinho. Não pensei duas vezes: peguei uma lata de leite condensado Moça, coloquei na panela de pressão, cobri com água, liguei o fogo e esperei cerca de 40 minutos depois que começou a chiar. Passado esse tempo, retirei a lata e joguei embaixo da torneira para esfriar mais rápido, porque é um perigo, abrir a lata quente. Abri a lata e devorei em colheradas generosas as 1.300 calorias do neoformado doce de leite. O meu digníssimo esposo da época, quando viu que eu não tinha deixado nem a lata suja para ele, armou o maior escarcéu e chutou o balde, digo a lata. Acabou com o fim de semana.

Quando eu cheguei na segunda feira ao museu, eis que já era notório o “causo” do leite condensado e o professor Marcondes queria saber os detalhes açucarados do “causo”. Encabulada, fui tirar satisfações com a única pessoa para quem eu havia contado, a saber, dona Luíza Câmara, que alegou não saber que era segredo. Porém, de nada adiantava chorar pelo leite condensado cozido e devorado. Desde então e até hoje eu ouço o professor Marcondes falar desse leite condensado e da confusão matrimonial que ele gerou, ou se não ouço diretamente dele, ouço de alguém que ouviu dele por aí.

Em minha defesa, cabe dizer aqui que parei de comer leite condensado, já faz uns anos. Mas, cá entre nós professor Marcondes, o senhor não acha que a latinha do leite Moça é uma baita *fake news*? Afinal, aquela camponesa que estampa a lata não mantém aquela cinturinha há quase 70 anos consumindo o produto né?

Porto Nacional, 4 de julho de 2021.

Maria Ecilene Nunes da Silva Meneses.



UM NATURALISTA NO “TRONO” EM ARACATI-CEARÁ

Milson Edmar da Silva Xavier

Contar um “causo” sobre o Professor Marcondes para quem o conhece desde 1987, ainda como estudante de Mineralogia I e monitor da disciplina no curso de Geologia da UFPa, não é das tarefas mais difíceis. Poderia narrar algumas situações sobre as dificuldades dos alunos no conteúdo de Cristalografia, mais especificamente as classes de simetria e eixos cristalográficos, com seus modelos caprichosamente elaborados, resultando daí as inúmeras alcunhas a ele atribuídas. Entretanto, opto por narrar suas visitas ao meu “santuário do ócio” que é a minha Aracati – Terra dos Bons Ventos, no estado do Ceará.

Quando fiz o convite para conhecer tão bela cidade, não ressaltei o potencial naturalista que lhe é próprio. Apenas ofereci o furdunço do melhor carnaval do Ceará. Para minha surpresa, agradável por um lado e preocupante por outro, o convidado aceitou e marcamos a data. Preocupante porque o meu casebre ainda estava em fase de acabamento para receber tão ilustre visitante, sabedor que era da experiência mundial do excursionista hóspede. Sabia que tinha de dispor de um apartamento com, no mínimo, ar-condicionado e frigobar, uma vez que todas as unidades já eram suítes. Exatamente no quarto reservado em que pretendia hospedá-lo, situado no andar superior do prédio, a laje do banheiro não ficou com o rebaixamento para a colocação do vaso sanitário, sendo necessária a elevação no piso, o que fiz

apenas no espaço reservado ao vaso, dando a impressão de que aquele espaço era verdadeiramente um “trono”. Em nenhum momento da visita o hóspede fez referência sobre a construção. Entretanto, surpreendeu-me em uma reunião do GMGA-Grupo de Mineralogia e Geoquímica Aplicada, muitos anos depois, quando falou sobre a situação para reafirmar a condição de “primeiros visitantes” ao meu casebre.

Após essa primeira visita, outras se sucederam. Nessas, ocorridas em períodos fora da época carnavalesca, tive a oportunidade de mostrar o atrativo naturalista de Aracati como as falésias de areias coloridas(A), salinas(B), manguezais(C), dunas(D), praias, afloramento rochoso em leito de rio seco(E), lagoas artificiais com produção de peixe e camarão, parques eólicos(F), cavalo de pau em atividade de extração de petróleo(G), além do conjunto arquitetônico tombado pelo IPHAN em 2001(H). Neste, a presença de azulejos portugueses antigos nas fachadas de imóveis, hoje preservados, é uma constante. Tais peças foram, inclusive, objetos de pesquisa e publicação de artigo pelo ilustre visitante.



Aracatí-CE (fevereiro, 2019)

Além do Naturalismo muito forte no lugar, o viés pitoresco da viagem também fora explorado como a rua Padre Marcondes em Icapuí, antigo distrito de Aracati, e Barraca de Praia Marcondes na mundialmente famosa praia de Canoa Quebrada, demonstrando a identificação do visitante com Aracati. Como Émile Zola, precursor do Naturalismo, parece que houve um “Romance Experimental” do naturalista com seu “trono”.

Pelo atributo de naturalista que o hóspede possui, fica evidente que não somente a ocorrência do “trono” teria sido ressaltada em reunião, mas também as perspectivas econômicas e a beleza natural do lugar visitado, o que foi possível a partir da segunda e demais viagens ao local. Está aí para gregos e troianos verem o naturalismo no visitante e em Aracati, ou melhor, para coreanos e coreanas, todos e todas, aliás, como a revolução cultural gramsciana está nos impondo.

Aracati, 21 de junho de 2021.

Milson Edmar da Silva Xavier.

UMA OCEANÓGRAFA MERGULHANDO NA MINERALOGIA – CAOS

Priscila Valeria Tavares Gozzi

Minha história com o professor Marcondes começou antes mesmo dele ser meu orientador.

Desde a graduação, no qual a minha orientadora era a professora Odete Silveira, sempre que ela queria colocar medo em nós, orientadores e estagiários, ela dizia: “vou pedir para o Marcondes ser da sua banca”. Bastava isso para todo mundo engolir seco, não dormir direito, era o caos, mas todo mundo entrava na linha.

O tempo passou e quando me dei conta, ela havia convidado o professor Marcondes para ser meu co-orientador do TCC. Eu fiquei sem entender, com muito medo, eu não estava à altura, não sabia o motivo dela ter feito isso, ela só podia estar brava comigo, não era possível!

Mas uma coisa que todo mundo sempre soube, era que a Odete jamais faria mal para alguém, nem mesmo para um inimigo, ela não era assim. Ela era doce. Ela sempre foi uma pessoa muito boa. Ela queria o melhor para todos. E eu vejo isso claramente hoje.

Logo ela se foi, nos deixou um grande vazio, que é difícil até hoje. Mas eu tive a oportunidade de seguir o meu TCC com a orientação do professor Marcondes. Com medo e todas as incertezas. Ele se fez presente. Perdi uma mãe, mas ganhei um padrasto. Ela sabia que ele era bom, que eu tinha muito a aprender com ele. Ela sabia que ele era difícil, mas

admirava o grande profissional que ele era. Foi o primeiro capítulo desse drama.

O tempo passou e quando vi, lá estava eu, me inscrevendo para o mestrado, segundo capítulo, sob orientação do professor Marcondes. Eu só podia estar louca. E todo mundo me dizia isso também. Era loucura mesmo. Mas ele me aceitou (outro louco), no último dia, claro, que ele assinou a carta de aceite. Típico dele.

Passei. E dali em diante o caminho foi beeeeeem o caminho das pedras, literalmente. Chorei muito, me desesperei muito em cada e-mail recebido, mas eu também agradeci muito a professora Odete (indaguei ela algumas vezes, de como ela foi inventar uma coisa dessa?! Eu só cheguei até o professor Marcondes por causa dela. O próprio professor Marcondes já havia me dito isso - o senhor lembra? Eu lembro.).

Foi difícil para mim, mas eu sei que também foi difícil e estressante para ele (me perdoe). E hoje sou eternamente grata por ele não ter desistido de mim, mesmo eu não sabendo mais se queria seguir, se seria capaz. Grata por ele ter sido firme e caminhado comigo, como meu orientador. Grata por ter conhecido pessoas tão especiais que fazem parte de seu grupo, pessoas generosas e de muito valor. Eu aprendi a amá-los e construí uma nova família, construí laços, que achei que jamais existiriam depois da partida da minha amada Odete. O senhor nunca foi um padrasto, sempre foi um Pai, daqueles bem rígidos, mas um PAI. Misericórdia!

Muitíssimo obrigada, professor Marcondes Lima Da Costa. Obrigada por ser quem tu és. Obrigada por cada dia que tive a oportunidade de aprender com o senhor. Obrigada por me

aceitar em seu grupo, por ter feito tanto por mim. Desculpe por ser uma via de mão única. Gostaria de poder fazer algo pelo senhor a sua altura. Mas só o que posso fazer é agradecer a Deus por sua vida, por sua sabedoria e para com sua generosidade comigo, pela oportunidade de ser sua orientanda. Por mais defeitos que todos nós temos, eu hoje posso dizer, que de todos os professores e pesquisadores que tive a oportunidade de conhecer e conviver um pouco do Instituto de Geociências, o senhor é o mais digno, o que eu tenho orgulho, o melhor. Não é puxar o saco, é sobre dizer a verdade sobre alguém importante na minha vida.

Temos nossas diferenças políticas, mas eu me orgulho de verdade do senhor. Mas, Ele Não!

Isso não é uma despedida, jamais! Terás que me aturar por muitos anos ainda. Vou sempre estar ao seu lado. Quer queira, quer não.

Tá, rolou algumas lágrimas no decorrer desse texto. Tive que resumir um pouco pois disseram que eram apenas duas páginas. É verdade esse bilhete.

Florencia, 29 de junho de 2021

De sua orientanda **PRISCILA VALERIA TAVARES
GOZZI**

Para meu estimado orientador **Dr. MARCONDES
LIMA DA COSTA**



On-line (março, 2021). Imagem: Pabllo Santos

TRILHAS COM O PROFESSOR MARCONDES

Rayara do Socorro Souza da Silva

Minhas experiências com o professor Marcondes foram além das pesquisas, que se iniciaram quando ingressei no grupo de pesquisa GMGA, Museu de Geociências da UFPA, em 2014. Foram diversos momentos de ensinamento, disciplinas e convivências em grupo, incentivados pelo professor Marcondes.

Dentre estas, as reuniões de toda quarta-feira, momento que compartilhávamos o andamento das nossas atividades, mas tínhamos também o intervalo do “bolinho” para parabenizar algum aniversariante do mês. As atividades voluntárias para organização do museu, como a Semana dos Museus na praça da Batista Campos, realizada todo ano.

O cuidado e dedicação que o professor sempre teve com o Museu, mostrava-nos que aquele espaço era a nossa segunda casa e, de fato era, passávamos maior parte do dia executando nossas pesquisas, e como toda boa casa precisávamos mantê-la organizada.

O grupo GMGA também representava uma segunda família, tínhamos nossos momentos de trabalhos, mas as confraternizações eram tradições. A exemplo das confraternizações de Natal, com a mobilização do grupo para decoração, participação especial de músicas, citação de poemas, comidas como especial Peru da Darilena, e no final, os presentes. O professor sempre guardava algo especial para nos presentar (A).

Outras experiências que tive com o professor foram as viagens de campo, cheias de desafios e aprendizado. Uma delas foi mostrar que mulher também sabe executar trabalhos “pesados” de campo, principalmente as geólogas! (B). E a viagem “pitoresca”, realizada com 10 integrantes (alunos e professores) ao longo do rio-lago Tapajós (C), onde experimentamos durante uma semana, conhecer diversos lugares situados nas margens do rio, e estudar sua história de ocupação, geologia, arqueologia, arquitetura e ainda apreciar belíssimas paisagens.

E por fim, aproveito aqui, para agradecer ao Professor Marcondes por todas essas oportunidades e ensinamentos, que contribuíram para tornar, além da profissional que sou hoje, alguém cheias de histórias para contar da sua experiência com a pesquisa.

Parabéns, Professor Marcondes, por conduzir seus alunos a caminhos de descobertas!

Belém, 30 de junho de 2021.

Rayara do Socorro Souza da Silva.



(A) Museu de Geociências, Belém-PA (dezembro, 2018). (B) Baía do Sol, Mosqueiro, Belém- PA (dezembro, 2017). (C) Rio/Lago Tapajós-PA (outubro, 2018).

MEUS PRIMEIROS TRABALHOS DE CAMPO COM O PROF. MARCONDES

Rômulo Simões Angélica

Após tantos anos de convívio com o Prof. Marcondes, depois de inúmeras viagens e eventos, compartilhados, pelo mundo afora, é muito difícil escolher apenas um “causo”, que possa simbolizar esse longo tempo de convivência.

Assim, decidi contar um pouco das nossas primeiras viagens de campo, já que elas aconteceram, até mesmo, antes da minha primeira excursão curricular, como estudante do curso de graduação em geologia; para depois finalizar com um “causo”, que guardo com muito carinho nos escaninhos da minha memória.

Nossa primeira excursão deve ter acontecido, em algum momento, durante o primeiro semestre de 1984, quando cursava a disciplina de Mineralogia I, com o Prof. Marcondes. Foi um trabalho de campo informal, extracurricular. Éramos eu e Maurício da Silva Borges, hoje também professor do curso de geologia da UFPA. Viajamos os três, em sua inesquecível Brasília cinza, em direção à região do Gurupi, haja vista o seu interesse, da época, pelos fosfatos lateríticos daquela região. Vale dizer que todas as despesas dessa, assim como de outras viagens, sempre foram custeadas pelo próprio professor Marcondes.

Nessa primeira viagem, lembro como fato marcante, a minha primeira visita a uma pedreira, a da antiga Jonasa, no município de Capitão Poço. Era conhecida em função de uma bela cachoeira, nas suas cercanias, onde os moradores locais sempre vinham desfrutar do seu banho. Hoje a

pedreira está desativada e a antiga cava virou o lago-piscina de um conhecido hotel fazenda e balneário na região.

Foi a primeira de uma série de pequenas excursões que seguiram, até chegar a derradeira, do “causo” principal que desejo relembrar, de um trabalho de campo em 1986, já nas fases finais do nosso curso de geologia (meu e do Maurício). A viagem também foi para a região do Gurupi, mas desta feita com o objetivo mais direcionado para os nossos trabalhos de conclusão de curso (TCC), sob a orientação do Prof. Marcondes.

Desta vez saímos de Belém com um carro pertencente ao Instituto de Geociências, famoso, na época, um Gurgel Carajás de cor branca. Uma verdadeira relíquia, pois fez parte do projeto de um empresário brasileiro de fabricação de um automóvel 100% nacional e que, infelizmente, teve pouco tempo de existência. Segue uma imagem extraída da internet – pena não ter uma original, para mostrar – pois o mesmo será protagonista do “causo” a ser contado, ao final do texto.



Vale lembrar que, nesta viagem, pude revezar ao volante, algumas vezes, com o Prof. Marcondes. Jovem que era, estava muito empolgado com essa possibilidade.

Na primeira noite dormimos em Santa Luzia, antigo Km 47, da BR-316. Hoje sinto uma pena muito grande não ter registros fotográficos maiores daquela época, pois é realmente impressionante a grande mudança ocorrida nessas localidades, pelo forte crescimento urbano e populacional das últimas décadas. Nessa excursão, ainda conseguimos localizar os famosos veios hidrotermais com cristais centimétricos de crandalita (abaixo ilustrada) – inicialmente descritos como zeólitas – em pequenos ramais, bem próximos da BR, que estão dentre as primeiras descrições da ocorrência de fosfatos na região. Vale lembrar que, um projeto histórico da CPRM (Projeto Gurupi), de 1977, havia descrito esses fosfatos como provenientes de guanos, dada a proximidade com o litoral. E a grande contribuição dos trabalhos do Prof. Marcondes, na época, foi a proposta da gênese dos mesmos a partir do intemperismo laterítico.



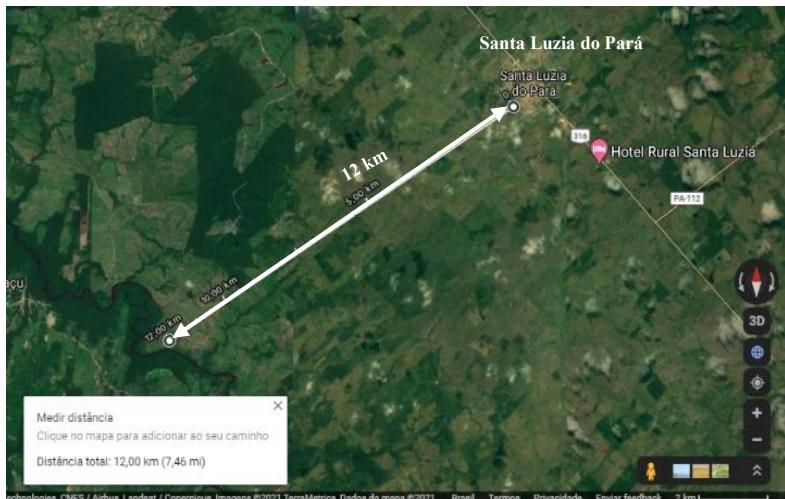
Veios de Crandallita, Santa Luzia-PA

Nosso primeiro pernoite foi em uma casa de família, que poderia ser considerada, na época, como uma pensão, pois não lembro da menor possibilidade de um hotel em Santa Luzia, por mais simples, que fosse, naqueles idos de 1986. Ficamos os três em um único quarto, de madeira, no fundo da casa, próximo a um quintal e lavanderia, onde também havia um vistoso galinheiro, cujas penosas faziam a maior sujeira, quando saiam, e adentravam os quartos dos hóspedes. Dormimos os três, cada um em sua rede, no quarto com muitos morcegos. Confesso que fiquei com medo, e passei boa parte da noite sem conseguir pregar os olhos.

Uma das estórias curiosas, daquela noite, contada pelo Prof. Marcondes, ao embalar das nossas redes, foi de quando ele próprio, como estudante de graduação, esteve em um trabalho de campo, lá mesmo, em Santa Luzia, nos anos 1970, em condições bem parecidas a que estávamos passando. E também se fazia acompanhar do seu orientador, da época, o falecido Gabriel Guerreiro, que depois de professor, virou político (deputado estadual, e federal, constituinte, em 1988). Lembro, como se fosse hoje, do Prof. Marcondes contando como eles também dormiram em redes, e acabaram dividindo o quarto com uma figura ilustre do nosso estado, atualmente, político famoso, e que na época era vereador, em Belém e começava as suas andanças pelo interior em campanha para deputado estadual. Incrível. Parece que foi ontem, mas já se passaram 35 anos.

No dia seguinte pegamos o carro e partimos para o nosso destino principal daquela viagem: chegar o mais próximo possível do Rio Guamá, em um perfil, aproximadamente, NE-SW. Fiz uma imagem atual, no *Google Maps*, a seguir, para

estimar o percurso, que deu, aproximadamente, 12 km. Interessante, pois parecia que havíamos percorrido muito mais.



Estávamos preparados para acampar, com barraca, comida e todos os apetrechos necessários para esse fim. Seguimos no Gurgel Carajás, em um ramal muito estreito e de difícil passagem, até onde foi possível, cientes de que, em algum ponto, teríamos que deixar o carro estacionado e seguir caminhando, com as mochilas nas costas. Que experiência! Dormimos os três, até hoje não sei como, em uma barraca mínima, no meio da floresta, que havia então, e que pela observação da imagem atual, já não mais existe. À noite, lembro de um pequeno fogareiro, à álcool, que o Maurício trouxe consigo. Ele preparou um miojo e se não me engano, colocamos alguma conserva em lata, sardinha ou atum, que já não lembro exatamente. Sei que o Prof. Marcondes tem fotos (*slides*) dessa viagem. E agora, com este relato, a vontade é muito grande de ver e relembrar ainda mais esses momentos. De manhã cedo, ao seguirmos

no caminho, nossa surpresa foi que estávamos muito próximos do rio Guamá. Se tivéssemos caminhado um pouco mais, no dia anterior, teríamos dormido à margem do rio.

Ao longo de todo o percurso, o objetivo maior, como já descrito, era a tentativa de encontrar alguma nova ocorrência de fosfatos lateríticos. E o critério prospectivo principal, ao longo do ramal, ou em pequenas incursões, fora dele, era a procura de algum tipo de afloramento ou pequenas elevações no terreno, que pudessem sugerir remanescentes de uma crosta (perfil) laterítico. Não demoramos muito no Guamá, e logo retornamos para pegar o carro deixado na estrada e voltar à Santa Luzia.

Nesse ponto, preciso retornar para o dia anterior, antes de deixarmos o carro no ramal, para finalmente contar o “causo” derradeiro, razão do presente texto.

Como descrito, o ramal era muito precário, de acesso difícil por qualquer tipo de veículo motorizado. Ao sair de Santa Luzia, eu estava ao volante, e logo me dei conta das dificuldades de dirigir naquelas condições, principalmente pela minha absoluta falta de experiência de direção fora dos centros urbanos. Com todo o sacolejo do carro, provocado pelas condições precárias da estrada, buracos enormes e necessidade de zigue-zagues constantes, acredito que toda essa movimentação tenha mexido um pouco com a barriga do Prof. Marcondes, que levando a mão ao ventre, em movimentos circulares, repetidos, exclamou:

- Acho que preciso ir ao mato!

Olhei para o lado e vi que ele já não se sentava mais, normalmente, no banco do passageiro, ao meu lado, mas “dê banda”, como diz o paraense.

Então, pensei, cá comigo: o negócio deve ser o “número 2”!

Tentei acelerar, naquela buraqueira toda, pois ainda estávamos em zona de influência de casas, em terreno descampado, para ver se chegávamos em um local de mata mais fechada, para que ele pudesse, de fato “ir para o mato”.

Pois foi quando o inesperado aconteceu. Na minha frente, um verdadeiro areal, tomando todo o ramal, de uma areia muito fofa, e antes que desse tempo do Prof. Marcondes gritar:

- Cuidado que vai atolar!!!.....

Eu já tinha atolado o carro no areal.

E agora? Imaginem, o meu nervosismo, pois era a primeira vez que dirigia no campo, em veículo da universidade e não queria ser responsável por qualquer situação que prejudicasse a nossa viagem. Pois não foi fácil desatolar o carro. Felizmente tivemos o auxílio de alguns moradores locais, que com a ajuda de tábuas e pedaços de madeira, calçando os pneus do Gurgel Carajás, e com vários empurrando – eu continuava no volante – finalmente conseguimos sair do areal.

Minha alegria foi tanta, que na mesma hora, gritei para o Prof. Marcondes, que ainda estava fora, ajudando a empurrar o carro:

- Vamos Prof. Marcondes! Entre, rápido, para eu lhe levar “para o mato”!

E ele ainda aborrecido, respondeu, resmungando, e voltando a fazer os movimentos circulares com a mão direita sobre a barriga:

- Agora não adianta mais. A vontade já passou!

E eu, vendo aquela cena, não sabia se ria ou se chorava.

Como encerrar, agora, após o turbilhão de emoções da lembrança de momentos inesquecíveis como este. Que recordações maravilhosas. Quantos pensamentos me perpassam, comparações inevitáveis, do ontem, com o hoje.

Como conseguimos fazer tudo isso, sem computador, sem internet, sem celular???

Sem essas malditas redes “antissociais”???

Como éramos felizes, sem todas essas parafernálias ditas “avanços tecnológicos”, que só nos trazem mais angústia e dispersividade. Quantas saudades daqueles tempos.

Obrigado Prof. Marcondes, por todas as oportunidades a nós proporcionadas, que sem dúvida, foram fundamentais para a nossa formação pessoal e profissional.

Nessa nova fase da vida, nunca esqueça daquela famosa frase, de todos os aposentados: *Retired, but not tired!*

Que Deus continue abençoando sempre os seus caminhos,

Belém, 2 de julho de 2021

Rômulo Simões Angélica.

EM BUSCA DE “DEZ OU DOZE” FORTIFICAÇÕES NA AMAZÔNIA

Roseane da Conceição Costa Norat

Eu era mais uma arquiteta circulando nos corredores do IG quando sequer cogitava que o tal do professor de bigode, sério e ranzinza fosse a escolha mais lógica para ser meu orientador na caminhada (literalmente) do doutorado. Aliás, eu mesma duvidava que seria nas Geociências.

Mas enfim, fui bater naquelas bandas de lá da UFPA, com um empurrãozinho (gigante) da amiga Thais, talvez para não ser indelicada e com a certeza de que ali definitivamente não era o meu lugar: – Tá amiga, aluna especial, só para testar. Até porque num lugar em que no primeiro evento que participo já ouço uma moça de sotaque espanhol falar em criptomelana que de repente virava criptomelana-hollandita (meu primeiro mineral diga-se de passagem) não era mesmo muito apropriado aos meus ouvidos. Quase nem retorno. Mas uma semelhança com criptonita deixava o termo mais familiar. Que mundo esquisito, pensava cá com meus botões.

Para começar minha incursão que tal entrar em Mineralogia Conceitual, de cara e sem nenhuma base?! No meio da semana, em determinado momento tenso, um daqueles que eu esqueço a prudência de que calar é ouro estava esperando o momento em que ele, sim ele mesmo, iria me expulsar da sala. Estava preparada para o momento inevitável, sairia com elegância e já tinha destino certo: vou passear no shopping. Afinal, no meio da disciplina eu me perguntava olhando ao redor “o que eu estou fazendo aqui?!”. Tudo absolutamente certo para dar errado. E o que aconteceu? Ele não me expulsou e eu me senti na obrigação de ser mais gentil, paciente e quem sabe chegar no final da disciplina. Daí, encerrava minha participação neste cenário que realmente não era para mim, ao menos com dignidade.

A primeira viagem então veio. Uma turma quase dividida ao meio. Um pessoal mais próximo, que acompanhava o mestre de perto, alto nível e uma turma do meio para o fundo daquela mesa enorme na Gemologia que seria, mal eu sabia, minha casa dias e noites adiante. Fomos para campo. Claro que eu optei por estar perto do pessoal do meio pro fundão. As primeiras amizades, leves e cúmplices na busca de saber em território não confortável. Oh turma boa viu! Já valia a pena a viagem só pelas companhias e risadas.

Porém, a primeira parada em Capanema já me abria o olhar para os fósseis marinhos. Na estrada um afloramento da Formação Ipixuna. São meus primeiros contatos visuais com os conceitos de estratificação cruzada, ciclos de deposição, difusão iônica além das experimentações para perceber a textura e granulometria das argilas. Paragominas e Aurora do Pará abriam a perspectiva de compreender o processo de transformação de uma argila vermelha, a famosa Belterra e como aquilo podia se transformar de forma tão radical. Passava a ouvir coisas como relação caulinita-gibbsita, hematita, goethita, goethita-aluminosa, caulim, padrões mosqueados e tanta coisa que se materializava de forma fascinante. Depois disso, nunca mais Mosqueiro seria igual, aliás nenhuma areia de praia.

de Macapá/AP.

Essa viagem mudou minha perspectiva do doutorado e eu voltei com a certeza de que sim, meu orientador só podia ser ele. Aquele senhor de bigode e ranzinza na verdade era espirituoso, estimulava o pensamento e me forçava a ir em frente e a ver o mundo de outra forma. Falei com ele nos corredores do MUGEO. Ele me olhou sério, não sei se esperava ou se fez de rogado. Desconfiado, me deixou algum tempo frequentando as reuniões, talvez para me dar mais uma chance de desistir. Não funcionou.



(A) Mina de bauxita, Paragominas/PA. (B) Baía do Sol, Mosqueiro/PA. (C, D, E) Serra do Navio/AP. (F) Fortaleza de São José

Devidamente integrada ao doutorado, passei a vê-lo como meu orientador, que se transformaria num amigo especial, pai acadêmico, companheiro de aventuras, de histórias e muitas memórias compartilhadas. Daí para as incursões em busca das “minhas fortalezas” foram algumas viagens, mas inúmeros momentos que guardo com carinho e aquele sorriso no rosto de quem tem bons “causos” para contar aos netos ou quem queira ouvir.

Tem lembrança de viagem longa, saindo no dia de Natal e chegando a tempo da virada do Ano Novo. Claro, organizado por mim, porque se fosse por ele sairia de véspera e chegaria depois das festas. Chegar ao destino e perguntar qual operadora de celular funciona e ouvir um melancólico: nenhuma, mas temos esse telefone preto dá ideia das nossas paragens. Tem belas paisagens intercalando a impaciência com a copiloto perdida com o GPS do celular, paradas para o alimento, um carro dos *Flintstones*, estrada escura, todo tipo de insetos e o momento mágico de vislumbrar o perfil do Forte Príncipe da Beira em Rondônia. Chegamos!

O martelo de geólogo muito bem guardado no hotel (imaginem ele me pedindo no meio da estrada: - Cadê meu martelo? - O senhor pediu para eu guardar!). Lanche no meio da praia em copos feitos com garrafas pet partidas ao meio na ilha de Santana. Tem muita conversa e caminhada na orla do Amazonas em Macapá (descobri na primeira viagem que eu não precisaria levar nenhum salto em nenhuma viagem com ele). Tem Mazagão Novo e Velho, ruínas e um tal azulejo que era na verdade ladrilho hidráulico. Não importa, vimos muito mais.



(G) Rio Amazonas/AP. (H) Ponte sobre o Rio Pedreira/AP. (I, J) Ilha de Santana/AP. (K) Igreja na Serra do Navio/AP. (L) Praça Frei Caetano Brandão em frente ao Forte do Presépio em Belém/PA.

Tem casa azul, um único orelhão, cerveja, Coca-Cola e dindin no fim de tarde, perder a hora do jantar do quartel por um belo pôr do sol e um cachorro de companhia. Ponto de táxi sem táxi. Ruídos de conversas entrecortadas pelo som das águas das mulheres e seus filhos pescando no leito rochoso do rio na fronteira com a Bolívia. Admirar as rochas talhadas empregadas com maestria nas construções refletindo a luz do sol que deixam o forte dourado. Memórias de infância revisitadas na pista de pouso, uma foto antiga gentilmente compartilhada. Tem trilha na floresta em busca do labirinto seja no rio Guaporé ou no lado oposto no rio Pedreira no Amapá. Horas de subida rio acima, que deixa o cenário barrento e vai ficando cristalino. Ele me mostra a mudança da paisagem observando a margem do rio. Viagem sob chuva, maré cheia e mais de uma tentativa até chegar aonde se queria. Paisagens, cores, os sons do rio e dos pássaros em voos rasantes, a manga colhida e lavada na hora, desvios de árvores que insistem em interceptar os caminhos do rio serpenteante na floresta.

Lagoas azuis no meio da arquitetura modernista na paisagem da Serra do Navio. Sentir-se criança e brincar como elas com a argila branquinha na beira de um barranco de rio. Mergulho em piscina vazia, porém cheia de lembranças de outrora. Viagem de monomotor em busca do Xingu com o Amazonas até o forte Santo Antônio de Gurupá. A água de coco finaliza a conversa de como a paisagem se transformou naquele ponto da cidade que tem o forte desde 1616 no encontro do rio Guamá com a baía do Guajará. Tem oração nas ruínas da igreja, pregação em palanques imaginários, cada parada uma paisagem, um olhar.



M



N



O



P



Q



R

(M) Embarque no Aeroporto Júlio Cesar em Belém/PA a caminho de Gurupá/PA. (N) Fortaleza de São José de Macapá/AP. (O) Pista de pouso em Costa Marques/RO. (P) A “casa azul” da vila do Forte Príncipe da Beira/RO. (Q) Parada no retorno para Porto Velho/RO. (R) Ruínas no Labirinto próximo ao Forte Príncipe da Beira/RO.



(S, T) O cachorro companheiro e as mulheres pescando no Rio Guaporé/RO. (U) No altar da capela do Forte Príncipe da Beira/RO. (V) Pôr do sol no Rio Guaporé/RO. (W, X) Portada e prédio da praça central no Forte Príncipe da Beira/RO.

Não se viaja com ele em linha reta. No meio da estrada haverá de ter um afloramento e de cada ponto uma viagem paralela é formada. É por isso que eu ainda tenho que ir atrás das outras fortificações que faltam para aquela contagem inicial de “dez a doze professor”.

Porque de cada uma, se formam outras viagens e esses tecidos de memórias que guardamos com tanto carinho, orgulho e saudades de voltar ou de ir pela primeira vez de novo. Vira uma pequena mania. Nunca se faz a mesma viagem ainda que voltando para o mesmo (?) lugar.

Na verdade, todas essas histórias são grandes viagem de vida. Eu apenas agradeço que tenho tantos “causos” para lembrar. E há de ter outros tantos para vivenciar. Obrigada querido Mestre.

Belém, 5 de julho de 2021.

Roseane da Conceição Costa Norat

MOMENTOS DE UM DOUTORADO

Sérgio Brazão e Silva

Um momento importante na vida é feito de recordações. Resolvi lembrar de vários momentos através de fotos. E cada foto, um momento, um “causo”.

1- Aula prática de solos (UFRA, Belém-PA. Junho, 2008)



Turma simpática em visita à UFRA.



Professor mais legal deste dia.



Chegada à várzea



Alunas candidatas à modelo.



Foto com os mais bonitos do curso.

2- A reunião das quartas-feiras. (LaMiGA- Mineralogia/ Gemologia, Belém-PA)

Só os bonitos eram convidados, mas tinham de trazer bolo. Lucilene deve ter feito cerca de 500 bolas. Henrique comeu metade.



Nesta reunião, o Professor Marcondes apagou a luz e reunimos no escuro:



3- Pesquisa no Murutucu (Belém-PA. Outubro, 2007)

Tive uma companheira de pesquisa especial:



Neste momento, Mestre Marcondes chama a minha atenção por ter usado um martelo “carpintológico”:



Muitos momentos e “causos” ocorreram. Sinto pena de não possuir fotos do curso de solos, realizado após aposentadoria do Professor Basile, no qual ficamos hospedados na casa do Professor Marcondes em Mosqueiro (outubro, 2009). Agora posso confessar que aquela cachaça estava “batizada” e fez um efeito indesejado em meu estômago. Felizmente deixei todo o “estrago” na casa do mestre. Acho que o Rômulo pegou a culpa.

UM ABRAÇO PROFESSOR PELO SEU ANIVERSÁRIO.

MUITO OBRIGADO POR TUDO.

Belém, 4 de julho de 2021.

Sérgio Brazão e Silva.

O PROFESSOR E A ALUNA

Suyanne Flávia Santos Rodrigues

Aluna quando conheceu seu Professor, era mais jovem que a grande maioria dos alunos. Ela trazia consigo muitas dificuldades de diversas naturezas, mas trazia também muita vontade de melhorar. O Professor a recebeu, e durante muitos anos a orientou. Partilhou com ela trabalhos, muito conhecimento técnico- científico. Porém, também partilhou experiências, que não poderiam ser aprendidas em referências bibliográficas.

A aluna, quando criança, recebeu uma educação cristã, o que levara a eleger seu Professor como o cristão mais verdadeiramente cristão que conhecera. Mesmo ele não se autodeclarando religioso. Ela reconhecia nele muitas virtudes que aprendera que bons cristãos devem cultivar.

Certa vez, o Professor e aluna juntamente com seus consortes cruzaram a Espanha, França e a Alemanha em um belíssimo automóvel. Fora uma grande aventura!

Ao chegar em Paris, já a noite, perderam-se em busca do hotel. Após longos momentos de tensão e muitos *ronds-points*, encontraram a solução *au sud de Seine*, indicada por um gentil francês em um posto de gasolina. No dia seguinte, um domingo, o único em que teriam a oportunidade de explorar a tão famosa Paris: Choveu, choveu e choveu. O metrô e o trem foram desviados de seus cursos normais, alterando completamente o trajeto entre o hotel e o Centro. Mas, os quatro viajantes empolgados, não esmoreceram e passaram boa parte do dia sob chuva, ora intensa, ora amena. Foi um dia frio, molhado, mas aquecido por muitos sorrisos

sinceros. O Professor fotografou tudo, já a aluna não tem uma só imagem desta viagem tão bela.

Os anos passaram e a aluna precisou deixar a convivência diária de seu Professor. Talvez esta tenha sido a decisão mais difícil que ela tomara naquele tempo. Àquela altura, a aluna já percebera quão preciosa era a relação construída ao longo de tantos anos. Ela o admirava mais do que a qualquer outra pessoa que conhecera naquela fase de sua vida.

Muitos poderiam dizer que aluna tinha o seu Professor como um pai, talvez, esta avaliação fosse injusta, tendo em vista que os filhos amam os seus pais espontaneamente, e o Professor teria feito muito pela aluna, logo o sentimento não poderia ser considerado espontâneo. Mas se o entendimento fosse construído tendo em vista o respeito, carinho, admiração, confiança; pai sendo aquele que ensina o caminho das pedras, corrige e é um bom exemplo, seguramente o Professor seria um grande pai para a aluna.

A aluna partiu em busca de novos horizontes. No entanto, sempre que ela precisa de inspiração é por seu Professor que procura. Ele continua sendo, o seu “guru”, o amigo, o Professor que nunca parou de ensinar.

Belém, 20 de junho de 2021.

Suyanne **Flávia*** Santos Rodrigues.

*“Flávia é melhor! Muito mais fácil e, bonito que Suyanne!”



Weihnachtsmarkt, Halle - Alemanha. Um momento com significado que apenas os dois são capazes de mensurar. Mal fotografado, parece que isto o Professor nunca conseguiu ensinar a ela. (novembro, 2013).

EU, AS GEOCIÊNCIAS E O PROFESSOR MARCONDES

Thais Alessandra Bastos Caminha Sanjad

Minha ida para a área das Geociências começou ainda no meu mestrado. Cheguei no Instituto de Geociências da UFPA e fui recebida pela Prof.^a Vânia Barriga que por sua vez me apresentou ao Professor Rômulo Angélica, coordenador do então laboratório de raios-x , pois eu precisava realizar análises de difração de raios-x nas minhas amostras de azulejos históricos de Belém e Salvador para a dissertação. Logo depois que finalizei o mestrado, ingressei como aluna especial no PPGG e fui recebida pelo Professor Marcondes, que aceitou orientar meu doutorado.

Foram vários anos convivendo diariamente com ele, e são muitos os “causos”. Imaginem uma arquiteta (a primeira a fazer doutorado no PPGG) e o incentivo constante dele para eu participar de eventos, cursos, reuniões de grupo de pesquisa, entre outros, cujo público era na grande maioria de geólogos. Sempre fui tímida (apesar de não transparecer), tinha receio de falar errado para os geólogos, mas principalmente, tinha medo de desapontar meu orientador.

Um dos momentos que ficaram marcados em mim foi quando participei do 8th International Congress on Applied Mineralogy - ICAM 2004, em que apresentei pela primeira vez meu trabalho em inglês e para um público constituído basicamente por geólogos. Eu estava na sala, aguardando a minha vez e não estava muito cheia, mas de repente começou a lotar, não restou um lugar vazio. Enquanto eu estava toda nervosa, o Professor Marcondes estava muito feliz, me olhava

orgulhoso e isso acabou me confortando. Apresentei meu trabalho seguindo todas as recomendações dele, no tempo correto, de forma objetiva e bastante ilustrativo. Fizeram inúmeras perguntas e ele ainda me ajudou a responder algumas, todo orgulhoso com o meu tema.

Outro momento importante foi quando passei no concurso para docente do magistério superior da FAU UFPA. Ele não me liberou para estudar para o concurso. Disse que eu era bolsista e precisava priorizar meu doutorado, terminar de escrever os artigos, e várias outras coisas que estavam atrasadas. E assim fiz, mas me inscrevi para ter uma experiência, pois nunca havia feito um concurso antes. Chegou no período do concurso e fui fazer as provas com o que consegui estudar. Na época uma das primeiras provas era a de títulos e todos os meus afazeres (projetos de pesquisa, organização de eventos, artigos etc.) contribuíram significativamente para minha pontuação ser a mais alta entre os candidatos, acabei ficando em primeiro lugar e fui contratada como professora efetiva da UFPA. Logo que soube do resultado, fui correndo com o Professor Marcondes para agradecer pelas inúmeras vezes que ele me fez reescrever um artigo, me deu inúmeras tarefas do grupo de pesquisa, enfim, me encaminhou na minha vida profissional, me ensinando a trabalhar como pesquisadora.

O último dos “causos” que selecionei, lembro da minha banca. Os professores fizeram várias considerações durante a arguição, mas eles estavam tão interessados no tema que perguntavam e respondiam entre eles, de repente lembravam de mim e eu respondia. Foi um momento mágico, consegui vencer os obstáculos que vinham com os limites da minha formação em Arquitetura e Urbanismo, perdi o medo de falar para geólogos e

ainda vi meu orientador feliz com o trabalho que realizei. Sou eternamente grata pelos ensinamentos que tive do Professor Marcondes, por ter a oportunidade de estudar em outra área e, principalmente, por ele acreditar em mim e me incentivar a superar meus desafios.

Eu tenho dois mestres que foram e são muito importantes na minha vida, e hoje sou fruto dessa convivência e aprendizado que tive e tenho com eles, Professor Mário Mendonça que me introduziu na tecnologia da conservação e do restauro, e Professor Marcondes Costa, que dentre tantas coisas me ensinou também a ser pesquisadora e a entender as especificidades da carreira de um pesquisador.

Meu tão querido Professor, muito obrigada por tudo que o senhor fez por mim, muito obrigada por acreditar em mim e me encorajar sempre a encarar os desafios, com humildade, leveza e confiança. Sigo com o senhor no meu coração, e desejo que este “cordão umbilical” continue nos unindo, aqui ou no Acre, pois é a minha gratidão expressa em sentimentos.

Belém, 5 de julho de 2021.
Thais Alessandra. Bastos Caminha Sanjad.



Defesa do Doutorado. Belém-PA (maio, 2007).



Ele e as arquitetas. Belém-PA. (Maio, 2013 e julho, 2016).



Semana Nacional de Museus em Belém- PA (maio). Praça Batista Campos (2018). Basílica de Nossa Senhora de Nazaré (2019).



As doutorandas Dele. Belém-PA (setembro, 2008)



Meus orientadores de TCC, Mestrado e Doutorado. Belém-PA
(março, 2017)



Um azulejo especial. Comemorações pela ascensão a Professor Titular da UFPA. Belém-PA (janeiro, 2016).



Natal no MUGEO. Belém- PA (dezembro, 2002)



Nossos *Selfies*

GALERIA

UMA CONFRATERNIZAÇÃO MEMORÁVEL

Cleida Maria Ferreira de Freitas



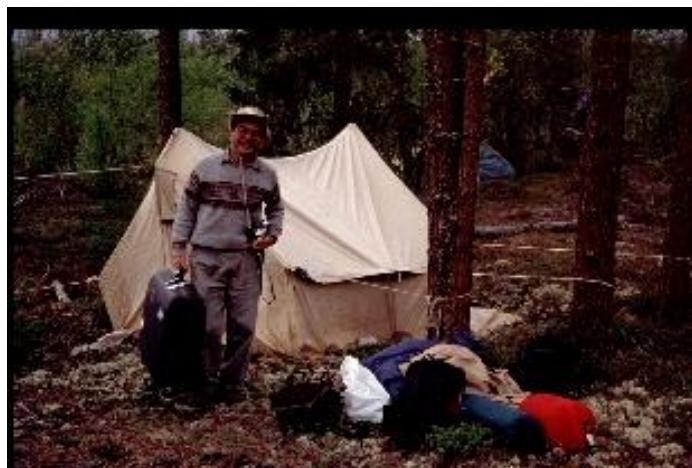
Confraternização de fim de ano. Belém-PA (dezembro, 2010)

DER MAC

Herbert Pöllmann



Caetité, Bahia



Península de Kola, Rússia.



Halle an der Saale, Alemanha



Paragominas, Pará.



Murmansk, Rússia.



Halle an der Saale, Alemanha.



Halle an der Saale, Alemanha.



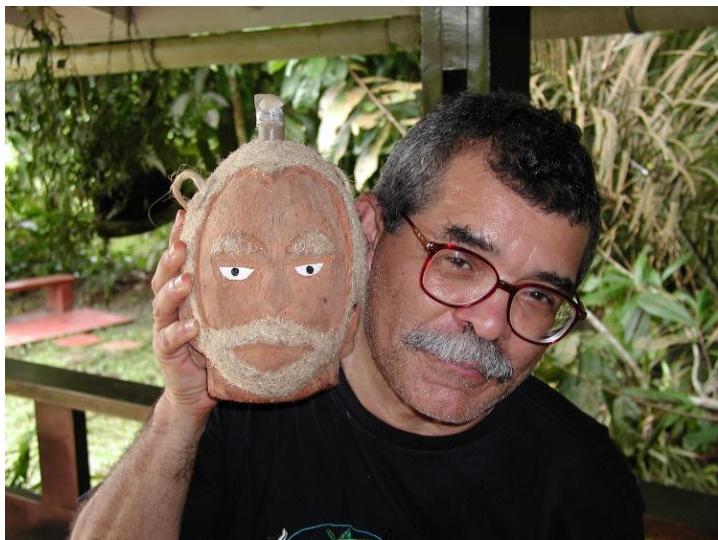
Oberpfalz, Alemanha.



Teófilo Ottoni, MG.



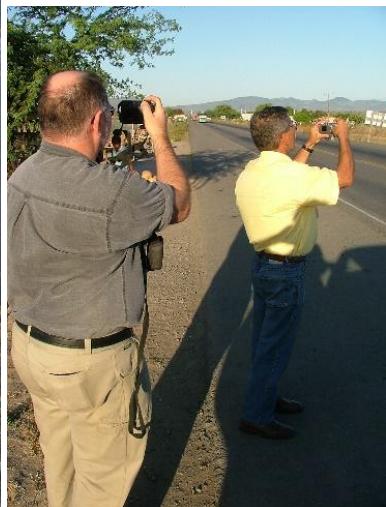
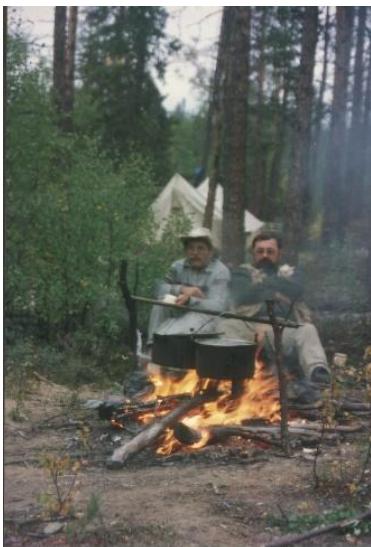
Pizzaria nas vizinhanças de Eschberg, Alemanha.



Baía do Sol, Mosqueiro, Belém, Pará.



Em Fürth, Alemanha.



À esquerda no interior da Península de Cola, Rússia.



Baía do Sol, Mosqueiro, Belém, Pará.

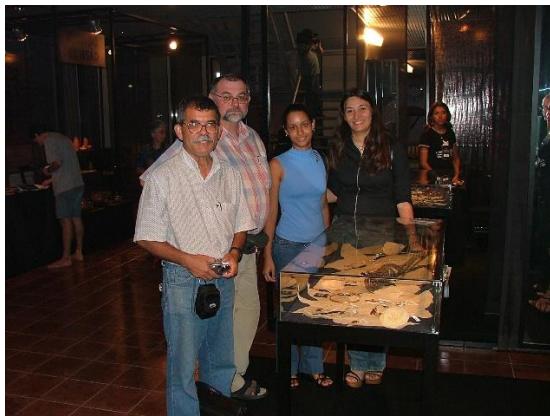


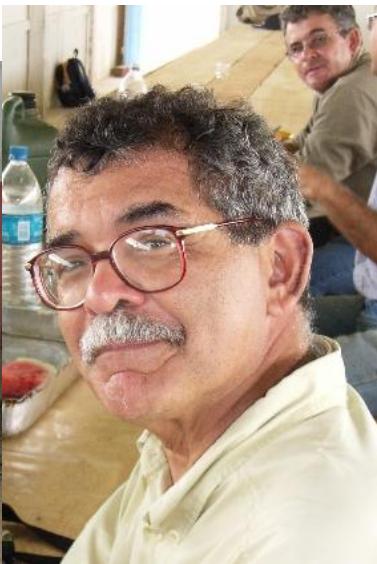
À direita em Feijó, Acre.



Em Carajás, Pará.





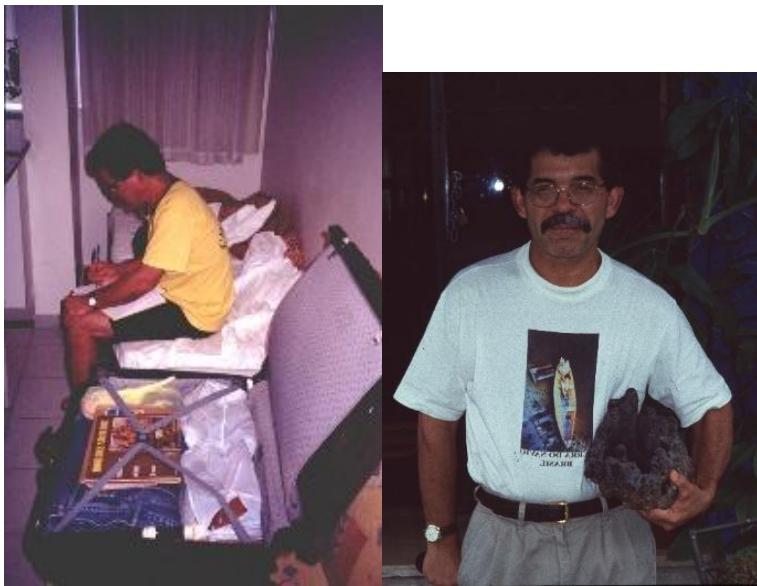




Paragominas, Pará.



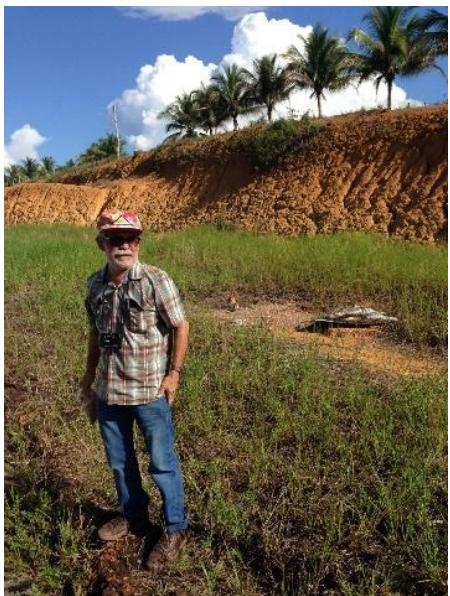
Tucumã, Pará.





Baía do Sol, Mosqueiro, Belém do Pará.









Em sua sala, Museu de Geociências, Belém, Pará.



Nos campos de Roraima; Mina do Pitinga-AM; Baía do Sol, Mosqueiro.



No topo do monte Roraima, em Roraima.



Em Novo Horizonte, Bahia.



Arredores de Novo Horizonte, Bahia: garimpo de quartzo rutilado.



No interior da Bahia.



Nos arredores de Bonito, Pará.



Na Baía do Sol, Mosqueiro.



Em Bonito-PA; Arredores de Novo Horizonte-BA; idem; Itaju do Colônia-BA.



Ilhéus, Bahia.

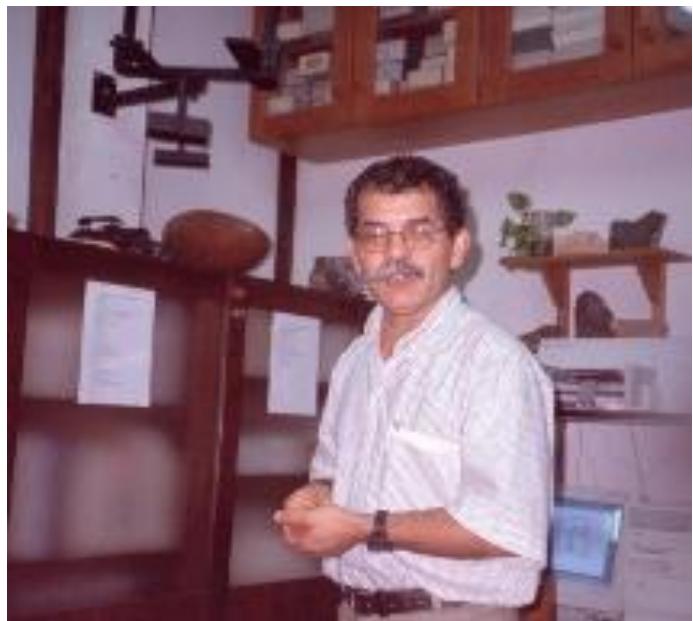




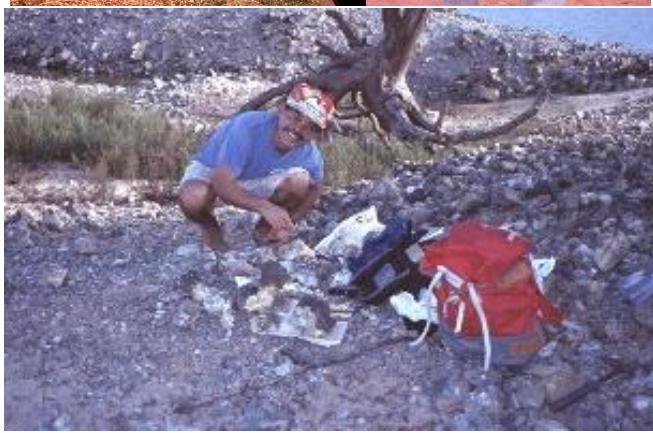
Fürth, Alemanha.

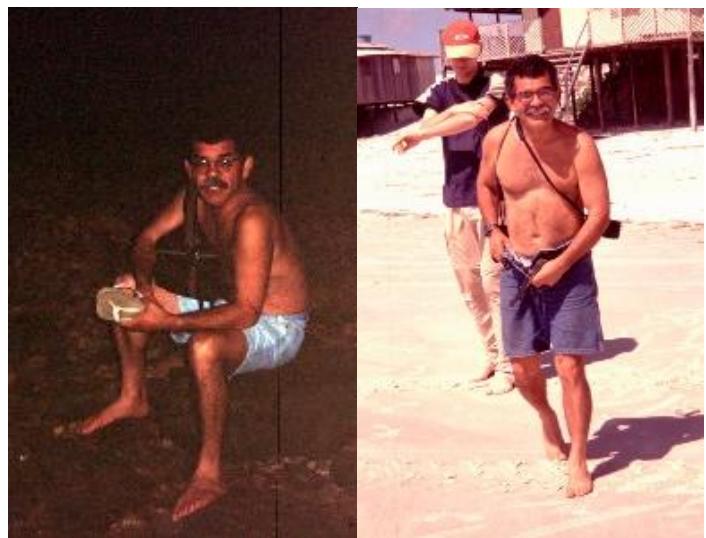


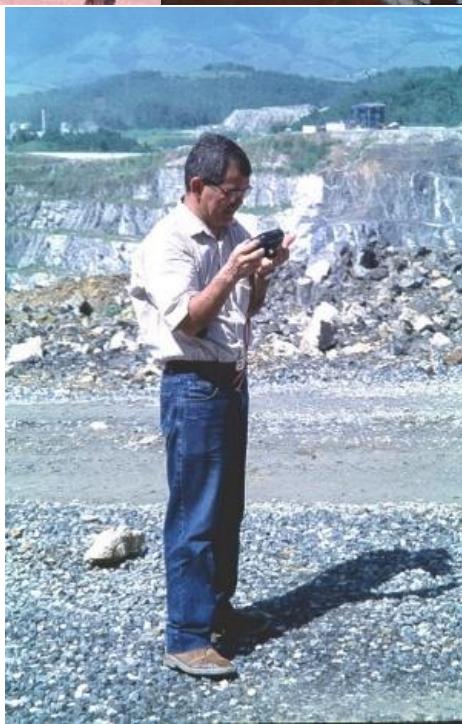
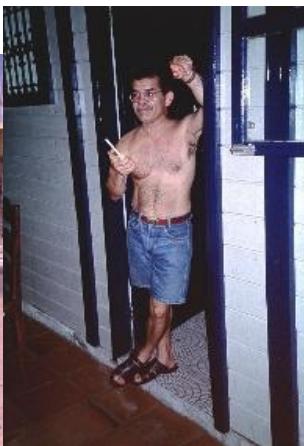
Carajás: Bacia de rejeitos do Igarapé Bahia e mirante.

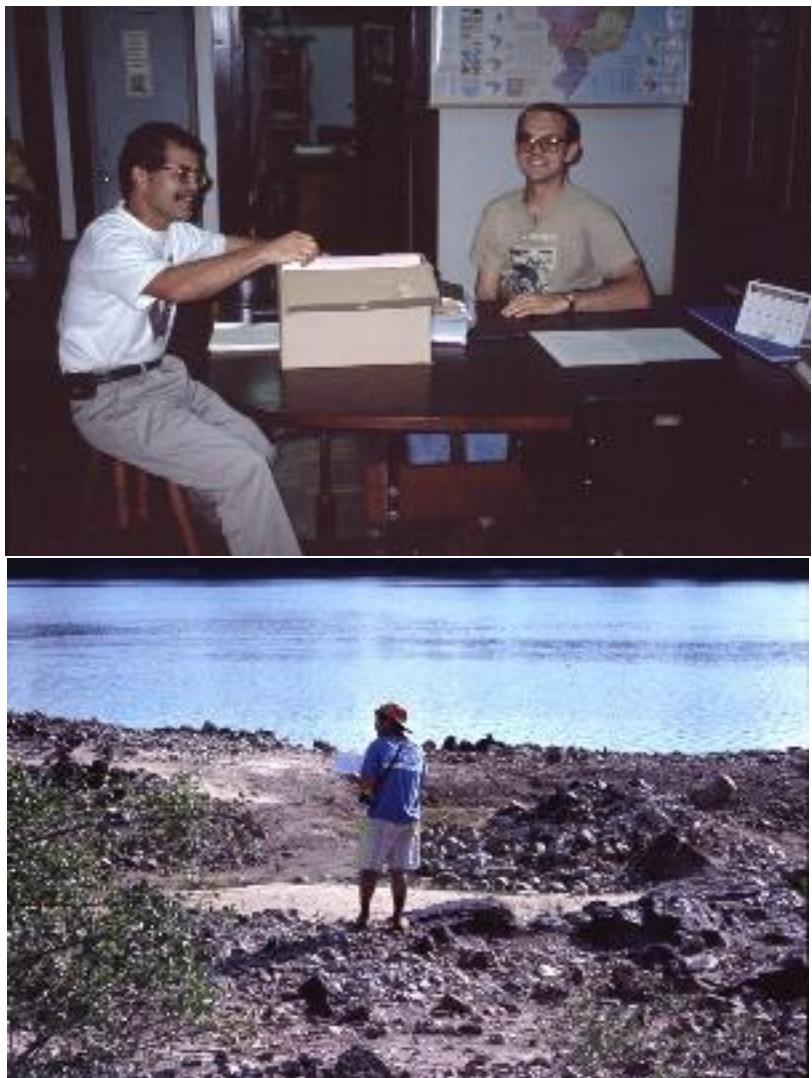


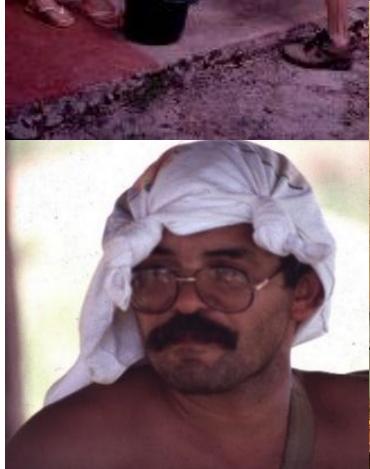


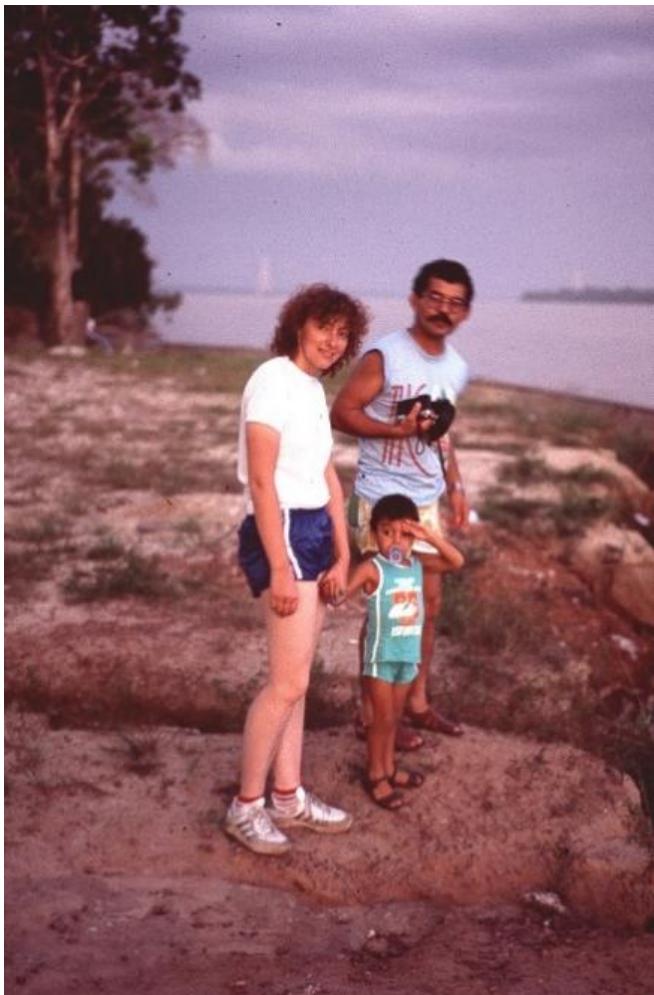
















AMANTES DA COROA

Wirley Otávio Oliveira de Barros



Pub Britânico. Belém-PA (outubro, 2015)



Museu de Geociências, Belém- PA (dezembro, 2019)

EPÍLOGO

Ao alcançar o fim desta despretensiosa coletânea de textos e imagens, é impossível não refletir sobre a importância que um Professor pode exercer na história de seus pupilos. Sobretudo, em tempos que tantas figuras parecem perder seu valor, que tudo se modifica tão rapidamente. Quando nos referimos a pupilo, não o fazemos apenas a aluno, ou orientando, mas a todos que elegem alguém como um referencial.

Nosso querido Professor Marcondes imprimiu e, segue imprimindo marcas indeléveis nos seus pupilos. Atravessou gerações provocando despertares e descobertas que não cessam. Se conseguimos registrar isto, esta pequena obra alcançou seu objetivo. Mas, por que uma homenagem escrita? Porque ele, desde o primeiro contato nos incentiva a escrever. Este formato, talvez fosse capaz de melhor demostrar mais uma importante marca do nosso Professor.

Ao nosso Professor Marcondes desejamos vida longa, saúde, novos “causos”, lugares, e claro, minerais.

A você caro leitor, caso não seja um pupilo do Prof. Marcondes, desejamos que tenha a oportunidade de encontrar o seu “Prof. Marcondes”. E, ao se deparar com esta oportunidade, desfrute-a plenamente, na certeza de que está diante de uma verdadeira preciosidade. “Capriche!”

Belém, 5 de julho de 2021.

Suyanne Flávia Santos Rodrigues.

